

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

**AS EXISTENCIAS E RESILIENCIAS DE UMA MULHER
NEGRA: ESTUDANTE, MÃE E TRABALHADORA**

MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DE FORMAÇÃO

Suylan Carvalho Laranjeira Fonseca

Orientadora: Profa. Dra. Carollina de Lima

Salvador

2019

SUYLAN CARVALHO LARANJEIRA DA FONSECA

**AS EXISTENCIAS E RESILIÊNCIAS DE UMA MULHER
NEGRA: ESTUDANTE, MÃE E TRABALHADORA**

MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia. Semestre 2019.2, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carollina Carvalho Ramos de Lima.

Salvador

2019

SUYLAN CARVALHO LARANJEIRA DA FONSECA

**AS EXISTENCIAS E RESILIENCIAS DE UMA MULHER
NEGRA: ESTUDANTE, MÃE E TRABALHADORA**

MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DE FORMAÇÃO

Trabalho e Conclusão do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal da
Bahia, como pré-requisito para a
obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 05/12/2019

Prof.^a Dr.^a Carollina Carvalho Ramos de Lima (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Simone Souza de Assumpção

Prof.^a Dr.^a Erica Aparecida Kawakami Mattioli

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus e a todos os orixás que me regem. Ogum, Iemanjá, Pedra Preta, minha fé é o que me vale e foi com fé que consegui chegar até aqui e sei que é o primeiro passo para um novo caminhar.

Gostaria de agradecer a minha mãe, que me deu a vida, além de ensinar valores que levarei para toda vida.

A minha irmã Silvana e Bárbara, que estavam segurando minha mão em momentos alegres e tristes, que nunca desistiam de mim, e estavam sempre me incentivando a seguir em frente e não desistir. Elas sempre diziam que acreditavam no meu potencial, me diziam palavras pra me dar forças neste caminhar. Ao meu irmão Tiago que por muitas vezes foi meu “quebra galho”, tomando conta dos sobrinhos entre outros momentos em que me ajudou.

Agradeço a Joseane Alves, que me deu suporte cuidando dos meus filhos, sempre que eu precisava.

Sou eternamente grata aos meus tios maternos: Socorro, Soraia, Silvia e Marquinhos que com muito amor sempre buscaram me propiciar momentos felizes, sempre preocupados com o nosso futuro, buscavam nos acolher e nos educar também. Sou grata aos meus primos queridos que estiveram comigo nesse caminhar

Meus professores e mestres queridos, com os quais pude expandir minha visão de mundo, através de aulas maravilhosas onde buscavam contribuir com saberes junto aos estudantes. Ressalto a importância de Rejane Alves, que lutou junto comigo na minha permanência no curso; minha orientadora Carollina de Lima, que me deu todo suporte acadêmico e com muito carinho me ajudou a tecer reflexões acerca do meu trabalho acadêmico, que contribuíram também para meu amadurecimento.

Agradeço, também a minha querida professora Simone Assumpção, que contribuiu muito para meu crescimento acadêmico, além de me acolher, me incentivar, aconselhar e me ajudar nos momentos de desespero e me deu muito mais força para que eu pudesse concluir o curso.

Meus amores, minhas amigas que tive sorte de encontrar ao longo da graduação Catharine, Cintia, Patrícia, Ana Paula, Paula, Valnivea. Com elas pude compartilhar, aprender, crescer. Elas tornaram meus dias na universidade mais prazerosos e alegres. Não posso esquecer de Claudio dos Anjos, que me ajudou a pensar na construção do memorial, além de nos divertimos durante os encontros que eram para estudar e acabavam em risos e bate-papos.

Agradeço imensamente a PROAE-UFBA, que me deu todo o suporte material para conseguir me manter no curso. A Creche-UFBA e toda sua equipe que cuidou dos meus filhos e me acolheu também. Ao Centro Educacional Batista Filadélfia, escola onde meus filhos estudam e que a equipe se tornou parte da minha família, pois sempre fazem de tudo pra me dar suporte dando uma atenção especial aos meus filhos. Serei eternamente grata a toda equipe de funcionários principalmente a Emile, Natalia, Lucimeire, Andre, Andreia, Angelina, Lane e Sissa,

Agradeço ao meu enteado, que ampliou minha família e me fez pensar ainda mais, sobre nossa função social como educadores.

Meu amado, amigo e companheiro de todas as horas, meu marido Antonio Marcos, que me deu todo aparato que uma mulher poderia ter. Que sorriu e chorou junto comigo, que lutou juntos, somente assim consegui finalizar o Curso de Pedagogia. Minha eterna gratidão a este ser de luz que chegou para iluminar os meus dias,

Meus amores, razão da minha vida, minhas joias que chegaram para dar sentido ao meu existir, Henrique e Maria Eduarda, meus filhos que amo e sempre irei amar. Eles me fazem querer lutar e vencer!

Pra finalizar meus agradecimentos, dedico este memorial a Maria da Gloria, minha vó, minha deusa, a cumeeira¹ da família, a nossa matriarca, meu exemplo, a mulher que me inspira, meu tudo, minha rainha.

¹ Substantivo feminino / 1. Construção – parte mais elevada de um telhado, na interseção de duas águas-mestras; cumeeada, cavalete de telhado. 2. Por metonímia – construção – peça correspondente a essa interseção e na qual se apoiam as extremidades dos caibros das duas águas; espigão, cume.

Sem esta mulher em minha vida eu não seria ninguém, só agradeço por ter a honra dela ser minha avó.

\



*Dedico a minha avó Maria da Glória (Mainzinha), e
meus filhos, Henrique e Maria Eduarda.*

Ogum
É um mar de esperança que traz a bonança pro meu coração.

*Sou filha da forja do ferro, Ogunhê!
Comigo anda o caçador, Okearô!
Exu é o mensageiro que abre meus caminhos, Laroîê!
Trago comigo a força das águas que vai e vem
Em um movimento constante, minha mãe Yemanjá
a dona do meu ori que regi meu coração
Me alegro com a energias dos Ibejis,
Quem me guia é um caboclo,
que não me deixa desistir,
salve meu velho Pedra Preta!*

Resumo

Este Memorial, como gênero textual, desencadeia diversos planos de análises. Partiu da compreensão de minha trajetória de vida e os entrelaces dessa com as escolhas pessoais, coletivas e impostas à minha existência, discutindo a trajetória de formação que ressoar e interligar com as vivências que tantas vezes me machucaram, e também ajudaram a refletir sobre a importância da educação para construção de uma sociedade melhor. Desta forma, meu Memorial está dividido em três momentos. No primeiro trago os acontecimentos e experiências da minha infância e minha adolescência, até a entrada na Universidade. No segundo, foco na minha travessia na Universidade, o que envolve também as dificuldades de permanecer devido aos desafios que escolhi: ser mãe, as dificuldades financeiras, os desafios de estudar, cuidar de filha doente, manter score, ter resiliência comigo mesma e - claro - as contribuições de incentivos das professoras e professores que acreditavam em minha potencialidade intelectual. No terceiro e último capítulo, apresento minhas expectativas para o futuro, assim como a formação de uma compreensão que a educação que tanto me ajudou a superar as adversidades, será também o motor para que possa melhor compreender a formação de outros estudantes sejam esses na educação infantil, no Fundamento 1 e no Estudo para Jovens e Adolescentes.

Palavras Chaves: Mulher, Negra, Estudante, Mãe, Pedagogia

Abstract

This Memorial, as a textual genre, triggers several plans of analysis. It started from the understanding of my life trajectory and the interlaces of this with the personal choices, collective and imposed on my existence, discussing the trajectory of formation that resonates and interconnect with the experiences that so often hurt me, and also helped to reflect on the importance of education for building a better society. In this way, my Memorial is divided into three moments. In the first I bring the events and experiences of my childhood and adolescence, until the entry into the University. In the second, I focus on my crossing at the University, which also involves the difficulties of remaining due to the challenges I chose: being a mother, financial difficulties, the challenges of studying, caring for a sick daughter, maintaining scores, having resilience with me and - of course - the contributions of incentives from teachers and teachers who believed in my intellectual potential. In the third and final chapter, I present my expectations for the future, as well as the formation of an understanding that education that has helped me so much to overcome adversities, will also be the engine for you to better understand the formation of other students education, Foundation 1 and the Study for Youth and Adolescents.

Key Words: Woman, Black, Student, Mother, Pedagogy

LISTA DE SIGLAS, INSTITUIÇÕES E ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
GRUMAP	Grupo de Mulheres Negras do Alto das Pombas
MAE-UFBA	Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PROAE	Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da UFBA
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - DESDE O TEMPO QUE ME ENTENDO COMO GENTE.....	17
1.1 A Avó Mãezinha.....	22
1.2 Algumas alegrias.....	24
1.3 Como Estudar?	25
1.4 Entre fases: Infância para adolescência	28
CAPÍTULO 2 – Entre desafios e aprendizagens da maternidade e da vida acadêmica	34
2.1 Ser uma mãe e trabalhadora que estuda.....	34
2.2 Meus filhos, Meus Mestres e as Descoberta Pedagógicas	41
2.3 Estágios e a formação para além da sala de aula.....	47
2.3.1 Estágios Curriculares	48
2.3.2 Creche Comunitária de Alto de Ondina	51
2.3.3 Grupo de Mulheres de Alto das Pombas – GRUMAP.....	56
2.4 Estágios Não Curriculares.....	60
2.4.1 Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA).....	60
2.4.2 Agente da Educação	62
CAPÍTULO 3 – MINHAS	66
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	66
3.1 A Certeza de Chegar	66
3.2 Eu me transformando em Educadora-Pedagoga	68
3.3 Eu, e o trabalho com as crianças	71
Considerações finais.....	74
Referências.....	78

INTRODUÇÃO

Meu nome é Suylan Carvalho Laranjeira da Fonseca. Nasci em 07 de setembro de 1990, sou a filha de Maria Lúcia Santos Carvalho e Ideval Laranjeira da Fonseca; tenho 03 irmãos: Silvana, Tiago e Bárbara.

Nasci na maternidade Climério de Oliveira, pelas mãos de dra. Mônica, que coincidentemente fez o parto do meu primeiro filho. Sou mãe de duas preciosidades, Henrique e Maria Eduarda.

Morei quase 20 anos no bairro do Pero Vaz, periferia de Salvador, lugar onde cresci, construir laços, onde tive momentos de tristeza, alegria, angústia, descobertas, desafios. Lugar onde construí valores e minha identidade. Onde me fez pensar no que sou e o que quero ser. E foi por conta desse lugar onde pude crescer e conhecer o mundo que me fez querer ser uma educadora e ajudar aqueles mais desfavorecidos, que estão à margem da sociedade em que vivemos, neste país marcado pela luta de classes, pela discriminação étnico-racial e pela discriminação de gênero.

Sou concluinte do curso de Pedagogia, que entrei no ano de 2010, na primeira turma do curso noturno de Licenciatura em Pedagogia. Decidir construir um memorial acadêmico para apresentar como trabalho de conclusão de curso que busca apresentar e refletir, à luz de alguns teóricos que fizeram parte do meu percurso formativo, sobre minha trajetória de vida, contribuindo para refletir as dificuldades, escolhas e superações de uma mulher negra, da periferia, mãe solteira com duas crianças, que assume a necessidade de entrar e completar sua formação superior, reconhecendo-se “Senhoras de seu tempo”, com todas as cargas que envolve ser, também pedagoga em uma sociedade ainda injusta em diversos níveis, especialmente com as populações pobres.

A escolha do Memorial, como gênero textual, desencadeia diversos planos de análises. Partiu da compreensão que, por meio da minha trajetória de vida e os entrelaces dessa com as escolhas pessoais, coletivas e impostas à minha existência, será possível compreender como a profissão que assumirei passa a ressoar e interligar com

as vivências que me tornaram gente, mesmo que essas vivências que tantas vezes me machucaram, ajudaram a refletir sobre a importância da educação para construção de uma sociedade melhor. Severino (2007) nos diz:

O Memorial é um documento autobiográfico. Tem importante utilidade na vida acadêmica, tanto em termos de uso institucional – para fins de concursos de ingresso e promoção na carreira universitária, de exames de seleção ou de qualificação em cursos de pós-graduação (...) Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmica-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 2007, s/p/).

Desta forma, meu Memorial está dividido em três momentos. No primeiro trago os acontecimentos e experiências da minha infância e minha adolescência, até a entrada na Universidade. No segundo, foco na minha travessia na Universidade, o que envolve também as dificuldades de permanecer devido aos desafios que escolhi: ser mãe, as dificuldades financeiras, os desafios de estudar, cuidar de filha doente, manter escola, ter resiliência comigo mesma e - claro - as contribuições de incentivos das professoras e professores que acreditavam em minha potencialidade intelectual. No terceiro e último capítulo, apresento minhas expectativas para o futuro, assim como a formação de uma compreensão que a educação que tanto me ajudou a superar as adversidades, será também o motor para que possa melhor compreender a formação de outros estudantes sejam esses na educação infantil, no Fundamento 1 e no Estudo para Jovens e Adolescentes.

Quando o memorial é elaborado durante a formação inicial ou continuada, é importante que o exercício de autorreflexão, conduzido durante a escrita, se realize num espaço de partilha, garantido pela instituição, e em grupos reflexivos, formados por pessoas que vivenciam juntas o processo de escrita de si, e que um mediador experiente acompanhe o grupo e facilite seu acesso a um referencial teórico pertinente. Passegi (2008a), ao descrever a mediação biográfica, sugere que os posicionamentos de quem narra e de quem acompanha evoluem durante o processo, conforme evolui a apropriação da escrita de si por quem escreve. (PASSEGI, 2010, p.02)

Dentro de minhas aspirações em conceber esse memorial, realizo também o desejo de refletir que a Universidade que é para todos, que as salas de aula possuem sempre alunos com diferentes trajetórias, e assim a academia deve se preparar para receber esse público, que pode ser jovem, adultos e/ou de terceira idade, jovens

trabalhadores (as), mães e pais com filhos que muitas vezes adoecem e que precisam de maior compreensão dos docentes. Protagonista que independente de classe social são sujeitos de sua história, buscam ao seu modo melhoria de vida e merecem ser respeitados. Sousa & Cabral (2015) enfatizam que:

A narrativa torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação em que se concebe professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação. As pesquisas revelam que os professores, quando os falam sobre os dilemas imbricados no seu fazer docente, transportam, ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Isso aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente. (SOUSA & CABRAL, 2015, p. 151)

Não trago essas proposições para me vitimizar, mas para que também outras(os) professoras(es) possam se sensibilizar e refletir juntos qual a melhor forma de desencadear os diversos processos de ensino-aprendizagem, do aprender-a-aprender, e do aprender-a-ser. Aprendizagens que devem conectar com a essência de nossa sociedade brasileira, marcada pela desigualdade social, que sempre aumenta e impacta na permanência dentro da Universidade pública, especialmente os alunos negros, indígenas, mestiços.

São essas memórias de infância, adolescência, fase adulta e a forma de encontro e paixão pela Pedagogia, que me pareceu ser a malha perfeita para acionar os processos que vivenciei, com seus atribulados percalços, mas que me permitiu chegar ao atual momento de finalização da primeira etapa da formação formal de nível superior. Assumpção (2019, p.129) fala que:

É no final do processo e do memorial de formação que a professora se dá conta que a constituição de sua subjetividade não vem sozinha e de forma isolada. É parte de uma sociedade na qual os discursos sobre poder estão engessados em uma “dureza” traduzida em silenciamentos de determinadas vozes, entre elas a do aluno da escola pública, que supostamente não teria nada a dizer. Ao se perceber intransigente, reconhece que tal identidade não é somente sua, mas de tantos(a) outros(as) professores (as) que legitimam a permanência de uma escola que se esvazia não só pelas estatísticas assustadoras de evasão na Bahia como se esvazia de significado. Ao utilizar vocábulos e expressões como “humanidade”, “discurso escolar” e “comunidade”, a professora-pesquisadora assume nova identidade, integrante ao mesmo tempo que crítica de discursos de poder estabelecidos por

modos de pensar e fazer constituintes da escola pública que ainda se configuram sem respostas para o estudante.

Assim, esse memorial traça a trajetória de uma mulher negra da periferia, mãe solteira com duas crianças, estudante-trabalhadora, que assume a responsabilidade de entrar e completar sua formação superior. Nesse contexto, a metodologia utilizada para a construção de meu memorial se deu no uso de cadernos de notas, fotografias dos lugares, conversar com estudantes, gestores escolares, membros de algumas famílias e o registro dos acontecimentos cotidianos, que permitia o uso da práxis e consequentemente novas construções de conhecimentos.

Logo, percebi que as construções permite conectar as subjetividades da vida pessoal: os sonhos de termino e continuidade da formação acadêmica, os dramas cotidianos para se manter e manter a família financeiramente, a necessidade de atenção para filhos, marido, família e amigos; e outros aspectos que configuram as vidas em mosaicos, em cores e em necessidades de sobrevivência. Nas palavras de Nacarato e Passeggi (2013, p.291):

As narrativas autobiográficas possibilitam a análise das singularidades das professoras, as formas como elas se constituíram, constituem-se e se relacionam consigo e com os outros nos espaços escolares. Permitem também a (re)construção da constituição da profissão docente em diferentes tempos e espaços.

CAPÍTULO 1 - DESDE O TEMPO QUE ME ENTENDO COMO GENTE

Acordei com uma melodia ao meu redor, era uma música que me lembrou uma época em que a inocência me acompanhava, mesmo que as dificuldades estivessem sempre presentes. Essa música e sua melodia têm tudo a ver comigo, ela falava sobre meu lugar e nesse momento, me ajuda a voltar no meu passado e começar essa narrativa. A canção, composta em 2007 por Arlindo Cruz e Mauro Diniz, se chama “Meu Lugar”:

O meu lugar

É caminho de Ogum e Iansã

Lá tem samba até de manhã

Uma ginga em cada andar

O meu lugar

É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor

E cerveja pra comemorar

O meu lugar

Tem seus mitos e seres de luz

É bem perto de Osvaldo Cruz

Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar

É sorriso é paz e prazer

O seu nome é doce dizer

Madureira, iá laiá

Madureira, iá laiá

O meu lugar

É caminho de Ogum e Iansã

Lá tem samba até de manhã

Uma ginga em cada andar

*O meu Lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar*

*O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá*

*O meu lugar
É sorriso, é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira, iá, laiá
Madureira, iá, laiá*

*Ai, meu lugar
A saudade me faz relembrar
Os amores que eu tive por lá
É difícil esquecer*

*Doce lugar
Que é eterno no meu coração
Que aos poetas traz inspiração
Pra cantar e escrever*

*Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar?
Vó Maria o terreiro benzer?
E ainda tem jongo à luz do luar*

*Ai, que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar
Madureira, iá, laiá
Madureira, iá, laiá
Madureira*

Em cada esquina, um pagode, um bar

Em Madureira

Império e Portela também são de lá

Em Madureira

*E no Mercado você pode comprar
Por uma pechincha você vai levar
Um denço, um sonho pra quem quer sonhar
Em Madureira*

E quem se habilita, até pode chegar
Tem jogo de ronda, caipira e brilhar
Buraco, sueca pro tempo passar
Em Madureira

E uma fezinha até posso fazer
No grupo dezena, centena e milhar
Pelos 7 lados eu vou te cercar
Em Madureira

E lalalaia, lalaia, lalaia
E lalalaia, lalaia, lalaia
E lalalaia, lalaia, lalaia
Em Madureira

Esta canção me remete ao passado e representa um pouco do que sinto acerca da minha infância, marcada pelas vivências do lugar onde nasci e cresci, que foi o bairro do Pero Vaz, periferia da Cidade de Salvador – Bahia. Lá comecei a construir a minha identidade, a pensar quem eu sou e que profissional quero ser. E a partir de experiências que tive pude apreender valores que me fazem sempre repensar sobre o compromisso social que nós, educadores, temos com nossa sociedade.

Minha bisavó era mãe de santo, no bairro do Pau Miúdo. Sua casa era dedicada a Xangô Airá, mas não conheci nem ela, nem o terreiro, só sabia algumas histórias contadas por minha avó. A partir dessas narrativas e da forte relação de minha avó com

a religião de matriz africana onde os orixás são cultuados que nasce o laço da família com os orixás, e eu até hoje tenho este vínculo forte com o candomblé e cultuo os orixás, acredito que está forte relação se dar devido a minha ancestralidade, todo este contato também influenciou para formação da minha identidade pois o mundo de lá de casa sempre foi dominado pelas mulheres, com suas escolhas, decisões e criação de todos nós.

A minha infância foi marcada por uma pobreza que deixaram marcas no meu ser. Dentro dessas lembranças, lembro de uma casa bem pobre onde eu, minha mãe e meus irmãos, Silvana, Barbara e Tiago, “pintávamos o sete”, brincávamos para esquecer da fome, o que gerava um clima de alegria, ou será que seria para também aquebrantar o desespero? Até hoje não sei direito.

As vizinhas da rua onde nós morávamos, ao ver eu e meus três irmãos juntos, ficavam espantadas: viam meu cabelo liso e questionavam por que só eu tinha este cabelo liso e minhas outras irmãs não. Isso me incomodava, pois, mesmo tendo seis anos de idade, achava um absurdo as pessoas ficarem comparando nossos cabelos e só acharem que o meu era mais bonito só por ser liso. Com a maturidade fui percebendo o quanto esses conceitos de beleza estavam dentro de lógicas sociais impregnadas de racismo estrutural.

Esse “pintar o sete” fortalecia ainda mais nossa irmandade, pois era dura a vida diante das dificuldades de uma infância pobre. Para se ter uma ideia, em nossa casa, não havia banheiro; fazíamos as nossas necessidades biológicas básicas em uma boca de lobo, esgoto mesmo, se equilibrando para não cair, e a hora do banho também era com balde e copo, em um espaço sem nenhuma estrutura e ainda com buracos, que, acho, dava para o vizinho nos ver.

A comida era conquista de cada dia, pois minha mãe saía para tentar vender tempero e fazer outras tantas coisas, ela era uma guerreira! E quando conseguia algum trocado, ela voltava como um “raio” já com uma série de coisas para poder fazer um almoço, sopa, feijão, farinha que possibilitasse a seus filhos continuar vivendo. Ela tentava ao máximo não manchar a figura do esposo dela, nosso pai, pois queria, mesmo sob a dificuldade, preservar seus filhos, pai e marido do que estava ao redor. Acredito que ela deveria ficar muito exausta de segurar tantas coisas sozinha.

A figura de pai era totalmente ausente e mesmo eu sendo a caçula, tinha pouco contato com ele. Na prática, minha mãe era uma mãe solteira, que esporadicamente

tinha marido e nós pai, mas toda responsabilidade por nossa existência estava depositada nas costas dela, que lutava com bastante energia para que seus quatro filhos sobrevivessem no bairro do Pero Vaz. Nesse aspecto Oliveira (2015, p.82) traz a noção de “família uniparental ou monoparental”, que é aquela que há apenas um responsável em manter a família em seus aspectos financeiros, emocionais e relacionais com o mundo. Segundo o autor:

[...] família uniparental ou monoparental, que é como o Estado reconhece as famílias que tem somente um genitor responsável pelos cuidados no âmbito doméstico familiar. Essa categoria necessariamente nos remete a mãe solteira, embora essa denominação sirva tanto para mulher quanto para o homem chefe. No entanto, a monoparental feminina tem sua representação quantitativamente maior como é possível perceber pelo crescimento elevado nas últimas décadas em território brasileiro (OLIVEIRA, 2015, p. 82).

Ele tinha até trabalhos bons, mas a farra, mulheres (amantes) na rua e festas lhe deixavam absorvido e esquecido de seus filhos e esposa. Essa ausência de pai foi sempre o comum na vida de todos nós, mesmo que, para minha mãe, que o amava, isso fosse superado pelos poucos momentos que ele dedicava a ela, como mulher, que estava sempre de braços abertos para recebê-lo e colocar a gente para respeitá-lo e amá-lo, o que trouxe serias situações entre meus irmãos e a figura paterna.

Várias vezes presenciei brigas entre minha mãe e meu pai, pois ele não queria manter a casa e vivia sumindo; passava dias, semanas sem aparecer. Quando aparecia, era como se tivesse ido à padaria comprar pão. O jeito dele de se comportar era como se o mundo estivesse congelado, mas, apesar de tudo isso, quando ele voltava as portas da casa estavam sempre abertas.

Dentro dessas memórias, lembro da fome morrer no meu corpo, de comer tempero para matar o vazio do estômago e de tantas peças de teatro e “show” que Bárbara, Tiago Silvana, nossas promoters. Esses “shows” eram o que a inventividade trazia em forma de peças, de show de talentos (dança, canto, mímica), contação de piadas, tudo que fosse possível para fazer esquecer a necessidade de se alimentar, dado que a nossa estava sem alimentos. Restava se encher de sonhos, alegrias e esperanças, formas de passar o tempo na espera da chegada de minha mãe com algo para comer. Oliveira-Formosinho nos traz argumentos que reforçam a importância desse momento lúdico, de fuga, mas também de resiliência. A autora diz:

No desenvolvimento da simbolização, alterar e criar relações dos significados com os objetos e as ações de substituir a realidade objetiva por uma realidade ficcional, alicerçada pela descontextualização, ainda que originária de objetos concretos ou ações reais. Brincando, a criança desenvolve a capacidade de fingir ou substituir um objeto ausente por outro que, de modo abstrato, conserva o vínculo com o original: a boneca é um bebê para ninar, o lápis, um soldado que marcha. Fingindo e imaginando, o pensamento abstrato e generalizado é desenvolvido, bem como a volição e a consciência. A situação lúdica é desafiante, instiga a ação simbólica para o real ser recriado, subordinando os objetos e as ações a significação. Assim, a criação de uma situação imaginária coordena mudanças no campo simbólico: o significado não é mais um dos atributos do objeto ou da ação, porque ele dirige a percepção objetual e a cadeia de ações. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p. 231)

Acredito que esse fazer arte para superar a dureza da vida me educou muito para também usar dessa metodologia no meu dia a dia. Buscar na dureza da vida a ludicidade para tentar continuar acreditando na esperança como alimento que me levaria para o futuro. Os muitos teatros improvisados, as cantorias de minha irmã Silvana para que pudéssemos continuar acreditando nas possibilidades já que éramos filhos das possibilidades, pois quatro meninos negros, morando na periferia, com mãe quase que solteira, com armários vazios, mas com muita criatividade para esquecer dos problemas e lembrar apenas do momento, que era preciso vencer.

1.1 A Avó Mãezinha

Graças a Deus havia sempre nossa avó Mãezinha, nossa querida matriarca, que sempre batia na porta lá de casa no seu retorno do trabalho e perguntava se todos estavam bem. E, na maioria das vezes, já trazia os alimentos, que ela sabia que não havia naquela casa, onde seus netos sobreviviam. A preocupação com seus netos, a força de envolver a gente e proteger era o tônico que nos fazia conseguir vencer cada dia de nossas vidas. As duas grandes mulheres de nossas vidas eram nossa mãe e nossa avó. Quando minha avó chegava do trabalho, percebia que minha mãe ficava desesperada e ao mesmo tempo, tomada por uma vergonha pela situação.

Minha avó era uma mulher grande aos meus olhos, com uma força inacreditável. Olhava para a gente e já colocava cada um no seu lugar. Quando chegava uma visita na casa dela, sempre lembrava: “Se comportem, não me façam passar vergonha”. Era a deixa para que nos comportássemos para depois, ou mesmo durante a visita, não

esbarrar com os dedos dela e os beliscões que educavam, mas doíam muito; lembranças que me fazem dar risada, pois nós “aprontávamos muito”.

A música sempre marcou minha infância. Minha Avó Mãezinha ouvia muita Bossa Nova, e eu adorava ouvir aquelas músicas, pois imaginava uma história. Foi minha avó que nos apresentou tantos e tantos artistas e fez a gente amar música, e a partir dessa e de tantas outras artes olhar o mundo de forma diferente e com alegria.

Lembro que minha avó nos afazeres de casa fazia tudo sempre ao som de uma música e muitas vezes ao som de Clara Nunes. Um verso me marcou: “*e mamãe quando era menina teve que passar muita fumaça e calor no ferro de goma*”.

Lembro que aos seis anos ouvi uma música de Chico Buarque, “Geni e o Zepelim”, e fiquei super chateada pelos maus-tratos à Geni. Eu achava uma injustiça, pois, mesmo depois que Geni ajudou a cidade a se livrar do monstro, toda cidade ainda assim ficou contra ela.

Hoje entendo que as pessoas e o que chamamos de sociedade estão imersos em tantas contradições e perversidades, mas uma criança de seis anos tem o brilho da inocência, o sonho de viver no colorido, encantado, lugar que os adultos não mais habitam

Sempre interpretava as canções que eu ouvia. Tenho comigo as lembranças de ouvir Milton Nascimento, desses aconchegos e de ter a família materna por perto como meus tios Soraia, Silvia, Socorro e Marquinhos que sempre faziam o possível pra nos proporcionar momentos de lazer além de quando podiam ajudar na alimentação, e também a companhia dos primos também Letícia, Lucas que quando nos juntávamos era uma festa.

Era costume de minha avó dizer palavras bonitas. Uma das frases que ela dizia sempre é que eu era uma menina de ouro. Mesmo eu sendo uma criança que aprontava muito, hoje eu vejo o valor de um afeto e como o amor mesmo aquele que seria uma “ovelha negra” uma palavra de amor faz diferença na vida de uma criança, os incentivos de minha vó e que me faziam acreditar que teria grandes conquistas na vida. Ela foi nossa inspiração sempre, nossa vó que nos educava, lembro que essa educação era com rigor, mas com muito carinho, acho que ela me inspirou a também querer educar, pois os exemplos ofertados por ela nos faziam crescer enxergando o mundo para a cada dia sermos fortes e com o olhar ampliado, com toda certeza ela e minha mãe são nossas primeiras educadoras, que tenho grande estima.

1.2 Algumas alegrias

Mas nem tudo era tristeza, esses “shows” dentro de casa, as brincadeiras na rua vestida só de calcinha com meus sete anos de idade, a possibilidade de brincar até as 20 horas na rua: correndo, chutando lata, beijando os cachorros de rua, e outras mil peraltices que eu fazia também traziam alegrias para mim. Que oxigenava nossas existências, nos integrava aquele lugar, pessoas e coisas, criava vínculos e desencadeava diferentes escalas de relações.

Minha mãe estava sempre buscando fazer algo para nos dar de comer, e por muitas vezes estava estressada. Minha irmã mais velha, Silvana, cuidava de nós. Eu era uma criança “agitada”, chutava as pessoas, xingava essa minha irmã, batia em todo mundo, caía de murro, de escada, de laje e dessas inúmeras peraltices de criança abusada tenho braço, perna, pescoço que já foram fraturados pois estava aprontando muito!

Na verdade, eu queria descobrir o mundo, não ter limites nas coisas, experienciar, aprender. As regras que os adultos colocavam me feriam, pois tudo era “Não”, e eu queria o “Sim”. Queria jogar bola com os meninos da rua, brincar de bater, carregar cachorro mesmo aqueles com feridas, subir em árvores, bater nas portas dos vizinhos, jogar pedra nas janelas dos outros e sair correndo, apertar buzinas, eu queria sentir as emoções que me faziam bem.

Lembro que minha irmã Silvana tinha muita preocupação comigo e queria sempre que eu estivesse arrumada, mesmo com as pobres roupas que eu tinha, pois eu era uma menina então tinha que estar pelo menos apresentável. As lembranças que tenho me transportam até os cinco anos com essa irmã cuidando de mim, penteando meu cabelo, da paixão pelos animais e de conversar com insetos. Adorava caçar formigas e colocá-las no pote e depois soltá-las. Sempre imaginava elas conversando entre elas.

Aos oito anos a preocupação de Silvana comigo era externalizada pela frase: “*Você é menina! Você é menina!*” Tem que se comportar e vestir como uma menina!”. Mas eu queria era correr, me espojar no chão, ficar como um menino no bolo com

outros meninos, fazer arruaça, quebrar coisas, carregar os cachorros peregrentos e trazê-los para casa.

Lembro também de ser muito brava e, por conta disso, se alguém me fizesse algo, eu partia para o enfrentamento. Por causa desse meu jeito de ser, a família dizia que eu iria “dar pra sapatona”. Havia uma preocupação de algumas pessoas da minha família com minha sexualidade, e eu nem sabia o que era isso, pois não estava interessada em me relacionar com menino nem com menina; a busca era por brincar sem limites.

1.3 Como Estudar?

As experiências nas escolas que passei foram sempre difíceis. Entre os oito e nove anos, estudava com minha irmã Bárbara e lembro, nesse período, dos colegas a humilharem, mas ela não reagia, e eu, ao contrário, ficava superchateada e batia em todo mundo. Eu a defendia, mesmo sendo a caçula. Um “fogo” acendia em mim e eu partia para a briga e batia quem fizesse mal à Bárbara.

Certa feita, uma professora trancou Bárbara de castigo no armário, e eu soube. Enlouqueci, chutei a porta e fiz um escândalo na escola. Ali, eu já compreendia que a escola não era um lugar de punição, de medo, de bullying e a professora, ao colocar minha irmã dentro de um armário, estava machucando minha irmã, que já era muito quieta e com toda certeza não tinha feito nada de tão grave para ser encarcerada. Aquilo ali era uma escola; deveria ser um lugar diferente, e a professora deveria também ser diferente, a violência já conhecia em outros lugares do bairro.

Acho que a memória dessa professora e de tantas outras professoras de certa forma, trouxe-me um desejo de conhecer um outro modelo de educadora. Isso ficou dentro de mim durante muitos anos. Ressalto que também tive professoras e professores muito bons, mas na periferia de Salvador, dada a violência de tantas ordens, era coisa rara, mas também existia.

E eu fiquei revoltada, porque Bárbara nunca reagia, e assim eu fui crescendo sempre questionando tudo. Sabia me defender, tomava sempre as dores dos colegas que sofriam bullying, e eu nem sabia o que era bullying, acho que naquele tempo tinha outro

nome, o certo era que não gostava que ninguém fosse excluído. Isso mexia muito comigo! Sempre achei que as pessoas deveriam ser respeitadas, nunca gostei de “zuação”, cresci com este senso de justiça e compreendendo que era preciso impedir que alguém fosse maltratado.

No entanto, eu também enfrentava coisas agressivas na escola. Aos onze anos, porque eu era gordinha e bem masculinizada, uma professora de matemática – que, a meu ver, apenas gostava de uma menina da sala, a Daiane, pois essa garota era branca, de olhos verdes e era muito inteligente – passou a me humilhar na frente de todos. Ela dizia que eu era pior aluna e que Daiane era a melhor.

Eu, movida por tantos sentimentos, fome, família nuclear com tantas adversidades, ainda tinha força para enfrentar a professora, que me mandava para a direção do colégio, como se eu estivesse errando. Ela, a minha professora, estava o tempo todo fazendo bullying comigo, e eu ainda teria que aguentar calada, isso era demais. Silva & Assis (2018) em artigo que analisa outros 33 artigos abordando a temática da violência na escola, nos chama atenção para múltiplas perspectivas que afligem muitos atores sociais, especialmente os estudantes, e que está sendo discutida sistematicamente a partir da década de 80 do século XX:

Para compreender a violência que ocorre nas escolas, se torna fundamental colocarem análise o que tem sido reconhecido e nomeado como violência escolar. Na literatura têm sido notadas diferentes conceituações e representações enlaçadas por essa terminologia (CHARLOT, 2002; DEBARBIEUX, 2002; BERGER; LISBOA, 2009; PRIOTTO; BONETI, 2009; ABRAMOVAY; CALAF, 2010; STELKOPEREIRA; WILLIAMS, 2010; DE PAULA; SALLES, 2010)” OLIVEIRA & ASSIS, 2018, p . 03).

Essas tantas violências no ambiente escolar, somadas a necessidade de eu mesma ter que amadurecer juntamente com os demais irmãos e colegas antes do tempo, a força das tantas intempéries na vida, já gerava também em mim o senso de justiça, que mesmo com pouca idade formulava a reflexão do absurdo que aquela professora desenvolvia ao destratar os demais alunos, e só gostar de Daiane, que ela comparava e enaltecia em detrimento dos demais alunos. Nos anos que ela foi minha professora, eu sempre ia para a recuperação.

Hoje eu reflito sobre a suposta ética daquela professora, da violência com que ela me tratava, que já nos anos 90 do século XX, já eu era apontada como gordinha e

logo compreendida como feia, e, para complicar, havia ainda uma profissional de educação, que desenvolvia explícito racismo e preconceito, elevando a aluna Daiane como preferida, inteligente e promissora, em contrapartida aos demais da classe que menosprezados, alunos que em sua esmagadora maioria eram crianças negras, permaneciam desacreditados de seus potenciais, e amargando suas dificuldades em aprender a matéria, muitas delas passando também fome e outras violências dentro de seus lares. A professora Andrea Ramal, doutora em Educação pela PUC-Rio, em entrevista para Gazeta do Povo (2019) nos fala sobre os tipos de violências dados a “autoridade” do professor-regente:

A violência explícita são casos extremos em que o professor se aproveita de sua autoridade. Já a implícita é mais corriqueira: ela acontece quando o professor exerce seu poder de autoridade com punições excessivas, ameaças, formas de constrangimento, humilhações, que podem colocar o aluno na condição de vítima.

Ainda dentro desse aspecto, a escola e a professora não compreendiam o seu lugar de fala, a importância do lugar que estava instalada a escola, a história de vida daqueles alunos e alunas, a diversidade de origens, as cores de seus alunos, a multiculturalidade que existia naquela sala e que havia em todo colégio. Pertencíamos a um bairro de predominância negra, um bairro pobre e esquecido pela Prefeitura de Salvador, com cotidianos de violências, ainda que nós crianças não perceberíamos os perigos que muitas vezes deveriam passar próximo de nós.

Entretanto, a professora, as coordenadoras, os diretores da escola, acredito, que compreendiam onde estava instalada e inserida essa escola, mas no cotidiano, não existia projeto pedagógico que compreendesse a diversidade, a história do grupo local, pois compreender a história individual seria esperar demais. O certo que a professora com uma autoridade perversa nos destruía com seu olhar, fala e postura onde explicitamente eram compreendidos como insignificantes, menos humanos e consequentemente fadados a permanecer como marginais, sentido pejorativo do termo, naquele bairro marginal da sociedade soteropolitana.

Para complicar ainda mais, estudar era outra manobra que minha mãe fazia, pois íamos para escolas particulares até que não dava mais para pagar. De tantas memórias que tenho da dificuldade de estudar, e das manobras que minha mãe fazia para nos colocar no “caminho certo”, pois ela própria verbalizava que tínhamos que estudar para sermos “gente”, lembro que uma vez estudava em uma escola e o diretor chamou meu pai, que é serralheiro, e propôs que ele fizesse uma série de serviços na escola, em troca

os quatro filhos ficariam estudando de graça até o final do 2o grau. Era uma proposta magnífica, mas meu pai não fez nenhum esforço para cumpri-la e perdemos mais essa chance.

Mesmo assim, eu era a preferida de meu pai. Quando ele estava em casa eu estava no colo dele. Se ele havia comprado algo, eu era sempre a presenteada, por ser a caçula. Naquele tempo, minha relação com ele era tranquila, pois pouco entendia as coisas que se passavam a meu redor. Como toda criança, eu queria era brincar e chupar bala, ainda que comer fosse essencial, pois doía muito ficar com fome tantas horas como era comum em minha casa.

1.4 Entre fases: Infância para adolescência

Desde pequena gostava muito de animais e pegava todos os que encontrava na rua e levava para casa. Gatos, passarinhos e cachorros eram os que sempre estavam perto de mim. Minha mãe, no entanto, brigava e proibia de levá-los para casa. Mas havia algo muito forte entre mim e os animais.

Como não podia criar nenhum animal, então eu ficava o máximo que podia com eles na rua, inclusive tinha um cachorro que ia lá na porta de casa para me ver todos os dias. Aos 14 anos minha mãe que deixou levar para casa um filhote, que estava abandonado e ao qual dei o nome de Bob. Essa foi umas das maiores alegrias; depois disso consegui pegar mais um filhote que estava no lixo e fiquei com ele, dei o nome de Marley. Foi muito bom ter esses dois cachorros em casa; eles acompanharam muitos momentos da minha vida e nunca vou esquecê-los. Sinto uma imensa saudade deles!

Vale dizer, que Bob e Marley me adoravam e também minha mãe, e odiavam meu pai, a ponto de várias vezes avançarem e algumas vezes mordê-lo. Lembro que as vezes quando meu pai chegava em casa, os cachorros estavam dormindo na cama com minha mãe e mesmo o meu pai protestando os cachorros não deixavam ele dormir na cama e ele tinha que ir para o sofá. Era interessante e engraçado como esses cachorros passaram a proteger minha mãe e participar tanto de nossa família.

Nesse período de transição, quando chega a minha adolescência, posso dizer que foi bem conturbada, pois brigava muito com minha mãe. Além disso, desde a infância sentia uma tristeza profunda pois achava que ninguém gostava de mim e isso me corroía por dentro. Sempre estava sendo proibida de sair com minhas amigas, ter que fazer as coisas de dentro de casa, ser uma menina comportada e caseira, nada a ver comigo naquele tempo de descobertas.

Sempre questioneei por que meu irmão Tiago podia fazer tudo, pois era homem e eu não. Aos 16 anos comecei a namorar escondido e resolvi compartilhar com minha irmã mais velha, Silvana. Ela me apoiou e estava buscando uma forma de contar a minha mãe. Depois de alguns meses minha irmã Silvana contou para minha mãe, que não gostou muito, mas aceitou.

Foi um momento de muitas descobertas e trocas aprendi muitas coisas com meu namorado, Daniel, mas o período de namoro foi muito difícil, pois minha mãe impunha várias regras, até como eu deveria me vestir, o que me deixava revoltada, pois não achava justas essas regras que ela colocava. Depois de dois anos, resolvi terminar o namoro, já me via cansada sempre cheias de regra em casa. Além disso resolvi que queria ficar livre, curtir sair, com a esperança de que me sentiria melhor e mais feliz, mas ainda sim nunca me senti feliz.

Aos 17 anos, resolvi pelo suicídio e tomei chumbinho (veneno de rato). Lembro que minha irmã Bárbara me socorreu e me levou para o hospital junto com minha mãe. Foi bem ruim porque sentia que estava sendo cortada por dentro. Lembro de muitos médicos em cima de mim, e de ver minha mãe e minha irmã já com a visão bem turva, e apagar, e depois acordar. Conforme Braga & Dell’Aglia (2013) o suicídio está inserido em um tipo de consciência de morrer:

O suicídio refere-se ao desejo consciente de morrer e à noção clara do que o ato executado pode gerar (Araújo et al., 2010). O comportamento suicida pode ser dividido em três categorias: ideação suicida (pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar), tentativa de suicídio e suicídio consumado. A ideação suicida é um importante preditor de risco para o suicídio, sendo considerada o primeiro “passo” para sua efetivação (Werlang et al., 2005). Assim, a decisão de cometer suicídio não ocorre de maneira rápida, sendo que com frequência o indivíduo que comete o suicídio manifestou anteriormente alguma advertência ou sinal com relação à ideia de atentar contra a própria vida. Da mesma forma, a literatura aponta que existe uma grande probabilidade de, após uma primeira tentativa de

suicídio, outras virem a surgir, até que uma possa ser fatal (Borges et al., 2008; Dutra, 2002; Espinoza-Gomez et al., 2010). Portanto, a trajetória estabelecida entre a ideação suicida, tentativas e concretização da morte pode oferecer um tempo propício para a intervenção (Krüger e Werlang, 2010) (BRAGA & DELL'AGLIO, 2013, p 04).

Fiquei alguns dias no hospital e depois fui para casa. O veneno correu meu corpo, perdi peso rápido, fiquei magra, olhos fundos, com fraqueza no corpo. Mesmo sobrevivendo-a experiência e a conquista da saúde física e mental foi um exercício de muita paciência para todos. Compreendi depois que aquele ato também marcou a família, que ao me ver todos os dias, olhava e continuaria a olhar para mim de forma diferente, como se fosse possível novamente acontecer tudo aquilo. Uma mistura de incertezas no cotidiano que passou a fazer parte de mim com minha família, algo que só uma pessoa que praticou o ato de querer se matar pode entender.

O certo foi que durante algum tempo ficou tudo bem, a família assustada com o acontecido procurou meios de se harmonizar, mas a vida cotidiana, os problemas de sobrevivência, as necessidades e frustrações de todos geravam ainda outras tantas discussões dentro de casa. Minha mãe, mesmo atenta para que eu não realizasse mais outra tentativa de suicídio, continuava sua lida de ter que controlar tudo, e nossa relação ficou ainda mais problemática, a ponto dela dizer que eu não ia conseguir passar no vestibular porque só queria saber de namorar. Acredito que ela tinha imenso medo de eu encontrar e me relacionar com um homem que me trouxesse mais tristezas e logo ela queria impedir, controlar, mas na verdade era mesmo proteger, mas nem eu nem ela mesma entendíamos uma a outra, e os conflitos com ela eram inevitáveis.

Aos 18 anos, já tinha concluído o Ensino Médio e estava namorando outro rapaz de nome Wellington. Nesta mesma época, descobri que estava com um nódulo na mama, no seio esquerdo, e passei por uma biopsia que detectou um câncer. A mastologista disse que teria que fazer uma cirurgia de retirada de mama e faria quimioterapia, mas após vários especialistas me examinaram e passar por diversos exames, fiquei alguns dias no hospital e depois fui para casa. Durante algum tempo ficou tudo bem, mas as brigas continuavam. Minha mãe continuava a dizer que eu não iria conseguir passar no vestibular porque só queria saber de namorar.

Eu não tinha a noção que minha vida profissional era tão importante para minha mãe, acredito hoje que a universidade era importante para ela. Ela que deixou tudo para

ficar com um homem tão ausente, mas ao mesmo tempo ela acreditava tanto que eu tinha potencial e que deveria ir para universidade. Acho que faltou a gente se abraçar, chorar junta nossas dores, conversar abertamente, mas a vida cruel nos espinhava e nos deixava cada vez mais afastadas uma da outra, em uma inimizade que adoecia eu e ela, mas que não apagava o amor, que escondido tínhamos e sempre buscávamos deixar escondido, segredado.

A médica resolveu que iria retirar o tumor para que fosse analisado e, então, confirmar o diagnóstico. Depois disso, então, a mama seria retirada. Ao fazer o procedimento e ser retirado o tumor, foi confirmado que o tumor que eu tinha era benigno. No entanto, minhas irmãs já tinham conversado comigo que se durante o tratamento meu cabelo caísse, elas iriam raspar cabeça para que todas ficassem iguais.

Foi muito difícil este período, mas consegui superar. Tudo ficou bem! Contudo, depois de um tempo, minha mãe voltou a implicar e criar problemas com meu namorado. Então, resolvi sair de casa e morar com ele, foi aí que a maioria da minha família e, claro minha mãe também achou que eu nunca passaria no vestibular e não iria ser “alguém”, pois eu só seria alguém se eu tivesse pelo menos uma graduação.

Como, ao terminar o Ensino Médio, eu tinha tentado o vestibular e não havia passado, todos estavam desacreditados. Na segunda tentativa, entretanto, resolvi fazer Pedagogia, pois achava uma boa área para atuar profissionalmente, e minhas irmãs Silvana e Bárbara fizeram minha cabeça, falaram da beleza que era educar, que eu iria gostar de estar com um monte de crianças, que eu iria ser feliz ajudando outras crianças a não passar o que todas nós passamos, e Pedagogia foi entrando de uma forma diferente em minha vida.

Em 2009, prestei novamente o vestibular para o curso de Licenciatura em Pedagogia para o período noturno na Universidade Federal da Bahia. Em janeiro de 2010, saiu o resultado: tinha sido aprovada para o segundo semestre de 2010.2!

Foi uma surpresa para todos que não acreditavam e até para mim, pois não pensava que iria conseguir passar. Zago (2006) nos apresenta essa complicação que envolve família, universidade e camadas populares, que muitas vezes tensiona serias discussões nas relações que envolvem os atores e atrizes sociais. Quando o semestre começou, eu já trabalhava em um mercado como caixa. Antes de iniciar o semestre, já

tinha terminado meu relacionamento e voltado para a casa da minha mãe, e então em agosto de 2010 começaram as aulas. Ao ingressar na Universidade tive a sensação de realização e uma esperança de que as coisas seriam mais fáceis, que tudo seria como uma mágica, que iria terminar a Graduação já trabalhando, que teria condições de ter uma casa e viver bem.

Entre alguns exemplos dessa contribuição recente destaco, em relação à produção estrangeira, os trabalhos de Laurens (1992), Zérroulou (1988), Terrail (1990) e, no Brasil, Viana (1998), Portes (1993), Silva (2003) e Mariz, Fernandes e Batista (1999). Parte dessa produção define-se, mais explicitamente, na linha de investigação da relação família-escola e na busca de explicações dos processos que possibilitaram aos jovens romper com a tradição freqüente no seu meio de origem: uma escolaridade de curta duração. Diferente de uma tradição sociológica fundada unicamente na relação entre a posição de classe e os resultados escolares, esses estudos apóiam-se em um conjunto de situações possíveis de explicar as trajetórias de êxito escolar. Além das variáveis clássicas da sociologia (tais como a renda, ocupação e escolaridade dos pais), o interesse volta-se para outros elementos constitutivos das trajetórias escolares bem-sucedidas, como as práticas dos pais e dos filhos no processo de escolarização (ZAGO, 2006, p. 22).

Assim eu pensava; porém, começaram os desafios de trabalhar de 08 às 17h, e estudar à noite, depois de um dia exaustivo de trabalho. Logo, vieram os trabalhos acadêmicos, as leituras, mas apesar de tudo entrei com uma turma maravilhosa, que estabelecia ajuda mútua e dessas relações enfrentar as disciplinas tornava-se algo mais fluido. Os professores compreendiam que tinham uma turma diversificada, onde a maioria era trabalhador. Então, conseguiam transmitir as informações das disciplinas levando em consideração todos esses fatores.

No decorrer do curso, fiquei muito doente e passei a dormir nas aulas, e foi aí que os colegas me incentivaram a procurar um médico, pois só vivia com mal-estar e sonolenta. Descobri que estava grávida do meu filho primogênito, Henrique, meu querido e amado filho. Começavam as belezas e as complicações de ser: mãe, trabalhadora e estudante de Graduação.

Lima (2007) traz reflexões sobre estudantes-mães que permitem fazer enxergar as contradições do ensino nas universidades, pois, algumas vezes, e ele mostra por meio de entrevistas, a condição de ser mãe dentro das universidades passa a ser um grande empecilho visto que o sistema de ensino universitário desconhece, desqualifica, invisibiliza e nega a permanência das mulheres que estão em processo de gestação,

complicando ainda mais quando as crianças nascem, e essas mães, muitas vezes sem aparato familiar trancam matérias, desestimulam-se, e prejudicam-se nas disciplinas, a ponto de abandonarem completamente a universidade. O mesmo esclarece:

Lima (2007) reuniu em seu artigo relatos de universitárias que tiveram filhos durante o período acadêmico, nestes aparecem alguns dos problemas que estas mães tiveram com a chegada da criança e a conciliação com os estudos. Os relatos, que abordam diferentes aspectos, mostram que as mães entrevistadas, em sua maioria, paralisaram o curso com a intenção de voltarem depois, apoiando-se principalmente na (possível) ajuda que teriam de um familiar para os cuidados com o filho enquanto elas estudariam (FREITAS; MENEZES; RAHIM; SANTOS; SANTOS; VELOSO, 2012, p. 30).

Nesse sentido, é bem duro sofrer na pele a discriminação por ser mãe em uma Universidade que compreende que ali é o local para a juventude que tem família estruturada, e rapazes e moças solteiros e sem filhos. Realidade fantasiosa, pois temos dentro de nossas turmas mães e pais, que estão fazendo de tudo para permanecer na universidade. Especialmente as mães, que são geralmente mães solteiras, e sabem da importância do diploma para aquela vida que elas colocaram no mundo.

Outro sentimento identificado foi a impotência diante da cobrança dos múltiplos papéis herdados ao longo do tempo pelas mulheres. Como vimos, a mulher transformou-se nas últimas décadas e influenciou seus papéis e posições na sociedade (Melo et al., 2007; Carvalho & Almeida, 2003; Fundação Carlos Chagas, 2004), como consequência, demonstrou-se um sentimento de desmotivação para os estudos em vista das dificuldades que surgem, mas que são superados através da importância dada ao apoio dos familiares que se fazem presentes de maneira muito enfática nos relatos das entrevistadas e no fato de que estar estudando, além do horário do trabalho, é um sacrifício visto como bom para o futuro dos próprios filhos (FREITAS; MENEZES; RAHIM; SANTOS; SANTOS; VELOSO, 2012, p. 30.p. 35).

Assim, dentro do curso de Pedagogia, nos dois primeiros semestres, fui uma aluna muito boa, pois minhas notas eram altas, vivenciei a amargura de um curso na área da educação, que foi se fechando para mim, pois me transformei em mãe e aquele espaço não era mais o lugar para pessoas como eu. É dentro dessa perspectiva árida, que esse memorial traz as memórias de uma mulher e profissional em crescimento, que, ao passar por tantas adversidades, interioriza outras formas de fazer pedagogia, onde o respeito, a solidariedade e o compromisso social se tornam de primeira ordem para

realizar esse curso, se realizar enquanto profissional nos diversos ambientes de trabalho, e possibilitar existência para meus filhos.

CAPÍTULO 2 – Entre desafios e aprendizagens da maternidade e da vida acadêmica

2.1 Ser uma mãe e trabalhadora que estuda

Em 25 de março de 2011 nasce Henrique, meu primeiro filho. Logo no início do semestre me deparo com as complicações em conciliar a vida acadêmica com a maternidade (FREITAS; MENEZES; RAHIM; SANTOS; SANTOS; VELOSO, 2012), em consonância com os estudos de Freitas et al. (2012). O nascimento desse meu primeiro filho trouxe exigências que conflitavam com a necessidades de estudar e cuidar de uma criança, estudar e trabalhar em um mercado e, ainda, tentar equilibrar os horários da faculdade com o trabalho e com a maternidade.

[...]A satisfação pessoal da mulher nesta condição pode se ver comprometida e seu desempenho pode ser prejudicado nas diferentes atividades, como verificamos na bibliografia levantada (Tourinho, 2006), o estresse causado pela rotina agitada e sua interferência no relacionamento mãe e filho também foi evidente na fala das entrevistadas, explicitando que as tarefas desempenhadas pelas mulheres, atualmente, levam-nas a se cobrarem de maneira perfeccionista em tudo o que fazem (MELO et al., 2007; TOURINHO, 2006 apud FREITAS et al., 2012, p.35).

Nos primeiros meses de vida, Henrique morava comigo e a irmã mais velha, Silvana. Isso ajudava, pois ela, sempre que podia, me dava um suporte, pois ela estava tentando entrar no Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia, além da minha mãe que ajudava sempre que podia, pois a mesma também tinha problemas de saúde, e meu pai que quando Henrique nasce se faz um avô presente na vida do neto, como nunca foi na vida dos filhos.

Lembro que meu pai tomava conta de Henrique para eu trabalhar quando minha mãe ou irmão não podiam levar frutas, fraldas entre outras coisas. Sempre que podia

ajudava financeiramente, além de também buscar Henrique na creche quando eu precisava ou estava doente.

Todos da família sempre ajudavam como podiam e isso foi muito importante para mim. Fiquei surpresa pela atitude de meu pai, por nunca ter exercido a paternidade quando nós éramos pequenos, pois não se preocupava se nós estávamos precisando de algo, mas, quando o primeiro neto nasce, ele demonstra muito amor e busca ajudar na criação do meu filho. Toda ajuda de minha mãe, meu pai e irmãos foram muito importantes na minha trajetória de vida. Assim como todos os outros, tios, primos, avó que compõem a família da minha mãe, pois, assim como meu pai toda a família dele composta por minha avó e tio paternos, não queriam contato comigo e meus irmãos, pois não gostavam de minha mãe, por ela ser negra.

Depois de um tempo, o cansaço ocasionado pelo trabalho, que envolvia três lugares (casa, faculdade e mercado), trouxe um forte esgotamento. Decido, então, sair do trabalho e tranco a faculdade, pois resolvi ficar somente em casa cuidando de Henrique. Esta decisão foi boa e ao mesmo tempo difícil, pois queria continuar os estudos para ter uma profissão.

Assim que ele completou um ano, consegui matriculá-lo na creche UFBA e consegui o auxílio moradia na Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da UFBA - PROAE -, depois de um tempo as coisas ficaram difíceis e não dava para sobreviver somente com o auxílio da UFBA, comecei a trabalhar em um Call Center:

Outros sentimentos que influenciam o acesso e o desenvolvimento acadêmico destas mães são a importância dada ao papel da família, relatados por algumas das entrevistadas e a utilização de conceitos aprendidos em seus atuais estudos universitários na vida cotidiana com seus filhos e no contexto familiar. Conforme estudamos com Klein (1985), Winnicott (1990), Bowlby (2002), Oliveira (1997), Vigotski (2001) e Lucci (2006), o desenvolvimento da criança pode depender de múltiplos fatores e da qualidade das suas relações com o meio e, assim, é de grande importância o apoio de uma família acolhedora neste momento vivido pelas mães e a utilização de novos conceitos aprendidos nos estudos que trazem segurança para o desenvolvimento da criança e o relacionamento entre mãe e filho. Ressaltamos, ainda, o fato de que o aprendizado obtido na universidade sendo utilizado como mediador na relação mãe-filho ou mãe-família vem fortalecer ainda mais as características de nossa sociedade atual, onde o saber técnico-científico é supervalorizado em relação até aos cuidados com a própria vida, como se as pessoas comuns não tivessem competência para cuidarem de si e dos que estão a sua volta. (FREITAS; MENEZES; RAHIM; SANTOS; SANTOS; VELOSO, 2012, p. 37).

Voltei a estudar nesse período de trabalho como Call Center, mas sempre foi muito difícil ter que estudar, trabalhar e cuidar de filho. Minha família sempre ajudava como podia e ainda assim era difícil, pois precisava estudar para conseguir passar nas disciplinas. Sentia vontade de participar dos eventos acadêmicos, mas não podia por conta dos horários e por não ter quem ficasse com meu filho.

Mesmo com esses problemas, as aulas do Curso de Pedagogia, a partir das disciplinas “Currículo”, “Didática”, “Filosofia da Educação”, e “Sexualidade e Educação”, começaram a me fazer enxergar as políticas públicas na área da educação, que influenciava mulheres como eu, mães solteiras nas muitas periferias do Brasil. Percebi aspectos que desencadeavam reflexões sobre como formar novos educadores e os sujeitos de aprendizagem, onde a posição do educador é de mediar o conhecimento, que respeita o saber de quem vem e juntos constroem outras pontes de reconhecimento do mundo.

A partir dessa imersão no curso, mesmo com as dificuldades particulares, continuei me descobrindo, e a disciplina Educação de Jovens e Adultos respondeu a diferentes questionamentos que envolviam pobreza, trabalho e a vida real das pessoas de carne e osso de nossas muitas periferias. Essa disciplina me levou a olhar para o feirante que volta a estudar, a mãe de família que deixa a novela das oito na Rede Globo e ou Rede Record para querer aprender outros códigos, ainda complexos que envolvem letras, discursos e intencionalidades dos homens e mulheres que detém o poder financeiro nesse país.

Essas disciplinas contribuíram no sentido de enxergar essas muitas mulheres negras como eu, algumas desempregadas, com ou sem maridos, homens também negros ou mestiços, que infelizmente também possuem trabalhos precarizados. Personagens de uma odisséia chamada Brasil, sujeitos sociais que deixam tudo à noite para ir aos EJAs, e com seus olhos e ouvidos atentos sonham com um futuro melhor. Nesse contexto, a disciplina nos guiava a reconhecer que as realidades são utilizadas para criar vínculos entre o conhecimento formal e a lida do dia-a-dia que propicia a construção de novos saberes.

Conhecimento e postura ética, que posteriormente também passei a conseguir vincular com as disciplinas Português no Ensino Fundamental, Metodologia do Ensino de Matemática, Avaliação da Aprendizagem, que me fizeram refletir com o EJA, que

alfabetizar “letrando”, torna-se tão essencial para quem buscar compreender os muitos códigos que há em nossa sociedade.

Entretanto, a disciplina também me levou às questões: Quem está no EJA é totalmente iletrado? Não. Com essa disciplina percebia que era possível aliar os conhecimentos de cada grupo social e suas realizações para alcançar a aprendizagem, mobilizar a realidade para chegar ao conhecimento e claro aprender a aprender.

E ainda desconstruir o que vem a ser a avaliação. Que não deve ser uma camisa de força, mas um meio de levar aquele que está em processo de educar-se à descoberta do seu mundo. Se considerarmos que o termo “avaliação da aprendizagem” (DIAS SOBRINHO², 2003) cunhado em 1930, século XX, por Ralph Tyler, professor que estava preocupado com o alto número de reprovações dos alunos, se considerarmos que essa preocupação passou a ser apresentada na década de 60 desse mesmo século, pelos professores brasileiros, até o presente momento, século XXI, esse assunto nos desafia, pois ainda está muito longe de ser solucionado plenamente na prática educativa nesse país.

Esse desencaixe na compreensão do que seja educação e conseqüentemente avaliação se propaga em contínuos choques, onde os educadores tensionam exame e avaliação (Fernandes & Freitas, 2007), que por discordância teórica e metodológica vem a longo do tempo prejudicando o sólido caminhar da educação em nosso país. Haja vista, que a todo tempo precisamos chamar a atenção de inúmeros profissionais para abandonar o caráter examinatório das provas e passar a compreender como os educandos estão aprendendo, percebendo e realizando as conexões entre seu mundo e com o mundo do outro, o que envolve os cuidados de perceber os processos objetivos e subjetivos desses sujeitos sociais em formação.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura. Essa é a base da distinção entre medir e avaliar. Medir refere-se ao presente e ao passado e visa obter informações a respeito do progresso efetuado pelos estudantes. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas com vistas a planejar o futuro. Portanto, medir não é avaliar, ainda que o medir faça parte do processo de avaliação.

² DIAS SOBRINHO, Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

Avaliar a aprendizagem do estudante não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem (FERNANDES & FREITAS, 2007, p. 19).

Dentro desses contextos, a avaliação da aprendizagem é elemento central para abandonarmos os velhos exames, que sobrecarregam as emoções e o intelecto dos educandos, tensiona desconforto, envolve a autoestima, embaça a compreensão dos conteúdos e acima de tudo desmotiva o processo de conhecer, criar e expandir fronteiras do conhecimento. No outro extremo, a avaliação da aprendizagem acontece de forma contínua, pois faz parte do processo de ensino e é uma forma de saber o nível de aprendizagem dos educandos. Compreendendo que os atores nesse processo são o professor e o aluno (VILAS BOAS, 2007), sujeitos que são protagonistas, e mesmo vivendo antagonismo de suas posições sociais, os seus mundos são conectados, propiciando relações entrelaçadas que fertilizam o pensamento e as criações de identidades e claro de projetos de vida:

Resumindo: avaliação formativa é a que promove o desenvolvimento não só do aluno, mas, também, do professor e da escola. Admitindo-se que a escola realiza trabalho pedagógico e não simplesmente processo ensino-aprendizagem, em que apenas o professor ensina e apenas o aluno aprende, torna-se fácil compreender a necessidade de ampliação do conceito de avaliação formativa, estendendo-a a todos os sujeitos envolvidos e a todas as dimensões do trabalho. Segundo essa perspectiva, abandona-se a avaliação unilateral (pela qual somente o aluno é avaliado e apenas pelo professor), classificatória, punitiva e excludente, porque a avaliação pretendida compromete-se com aprendizagem e o sucesso de todos os alunos (VILLAS BOAS, 2007, p. 18).

Enfatizo que a avaliação não era para ser medida de forma encapsulada, mas como fluxo e movimento que envolve compreender como aquela aprendizagem chega aos educandos com suas bagagens, conecta o conhecimento já apreendido e é traduzido pelo educando com suas potencialidades e escolhas pessoais (FERNANDES & FREITAS, 2007):

A avaliação é uma das atividades que ocorre dentro de um processo pedagógico. Este processo inclui outras ações que implicam na própria formulação dos objetivos da ação educativa, na definição de seus conteúdos e métodos, entre outros. A avaliação, portanto, sendo parte de um processo maior, deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento do estudante, como no sentido de uma apreciação final sobre o que este estudante pôde obter em um determinado período, sempre com vistas a planejar ações educativas futuras. Quando a avaliação acontece ao longo do processo, com o objetivo de reorientá-lo, recebe o nome de avaliação formativa e

quando ocorre ao final do processo, com a finalidade de apreciar o resultado deste, recebe o nome de avaliação somativa. Uma não é nem pior, nem melhor que a outra, elas apenas têm objetivos diferenciados (FERNANDES & FREITAS, p. 20, 2007).

Todavia, os espinhos estão sempre presentes, um deles que destaco é a atual constituição dos sistemas de ensino, que, muitas vezes, também nos revela que está construído a partir de parâmetros que necessita de notas de 0 a 10 (VASCONCELOS, 2008), não se preocupando com o que o educando apreendeu e ou ainda aprendeu, mas dando absurda ênfase no que o educando não aprendeu, como se isso fosse o elemento central de toda educação. É a partir dessas defeituosas metas que a avaliação continua sendo um exame, onde a nota torna-se mais importante do que a vida e se fortalecem a reprovação e conseqüentemente inúmeras violências no presente daqueles educandos e muitas vezes repercutindo no futuro com o abandono escolar.

Há de se distinguir, inicialmente, 'Avaliação' e 'Nota'. Avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos. A nota, seja na forma de número (ex.: 0-10), conceito (ex.: A, B, C, D) ou menção (ex.: Excelente, Bom, Satisfatório, Insatisfatório), é uma exigência formal do sistema educacional. (VASCONCELOS, 2008, p. 54)

Como realizar o salto para o futuro, se estamos ainda amarrados em conceitos predatórios, que esmagam a potencialidade dos educandos a partir da ênfase na reprovação, no erro, na incapacidade daqueles que estão descobrindo o mundo? Como fazer com que os procedimentos e os instrumentos da avaliação da aprendizagem sejam realmente utilizados de forma eficaz? Compreendo que primeiramente tem que apresentar aos educandos os critérios, os instrumentos, seja essa prova, teste, atividade pontuada e outros, de forma clara, e especialmente não lhe trazendo uma corda no pescoço para aqueles que não conseguem chegar às metas estabelecidas.

Entretanto, como realizar essa transformação em um mundo que o exame como rotina e punição se torna a forma exemplar para escolher alguns e desconsiderar milhares de pessoas? Torna-se um desafio e a avaliação da aprendizagem nos chama a compreender o que vem a ser a nota, a prova, o percurso de aprender a aprender, e mais que isso nosso papel de educadores frente às habilidades e competências de nossos educandos. Esse conceito, avaliação da aprendizagem, possibilita apreender o conhecimento de forma ampla na contínua busca de aperfeiçoamento das relações do

educador com o educando (LUCKESI, 2011), e esses dois atores sociais com o mundo que os cercam.

A avaliação da aprendizagem – como ato de investigar e, se necessário, intervir – até a serviço dos pressupostos teóricos do projeto pedagógico ao qual está atrelada. (...) A avaliação operacional, como temos visto, não existe por si, mas está a serviço; daí a necessidade de termos ciência de qual é o corpo teórico ao qual servem nossos atos avaliativos (LUCKESI, 2011, p. 273).

Nesse contexto, o professor tem que compreender que, ao pegar uma prova, para além de riscar, colocar “errado” e dar uma nota, ele deve buscar compreender as variáveis daquele momento, que são: quais os motivos para o indivíduo não alcançar? Sem isso não há sentido falar de avaliação. A partir de Luckesi (2011) pode-se compreender que:

A avaliação da aprendizagem para cumprir seu papel, exige essa disposição de acolher a realidade como ela se apresenta, uma vez que a intenção é subsidiar o melhor resultado possível à luz do planejado desejo consciente de investir em soluções novas e adequadas na busca do sucesso de nossas ações educativas implica em acolher a realidade como ela é; esta condição do próprio ato de avaliar. Sem esse cuidado, o ato de avaliar é inócuo (LUCKESI, 2011, p. 270).

Enfatizo que na avaliação da aprendizagem existem instrumentos como suporte. Um deles é a prova que tem um certo “peso”. Instrumento esse que algumas vezes quando é posta acaba sendo excludente, distorce o sentido da avaliação da aprendizagem, deixando de lado os diversos outros instrumentos que podem ser individuais e coletivos, que podem também incluir a construção de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a forma de utilizar os instrumentos esbarra da compreensão do professor, no projeto pedagógico da escola, nas metas políticas dos governos (municipal, estadual e federal), e em outros parâmetros e redes da educação no plano internacional. Há um desafio posto para que possamos superar esse grande abismo, que repercute pressão junto aos educadores e com seus educandos, pois sabemos que, a depender do local que se trabalha, na necessidade de sobrevivência do educador, das imposições do mercado da educação, muitos educadores ficam absorvidos e são obrigados a desconsiderar a avaliação da aprendizagem, e com isso toda uma gama de potencialidades são perdidas, e os exames continuam a ser propagados como únicas formas de verificar os níveis de compreensão do conhecimento.

Logo, essas disciplinas e suas práxis, que desobstruía o caminho da homogeneidade que se lança sobre os educandos, das metas que desconhecem ou não querem enxergar as variáveis dos processos, e das absurdas comparações no plano internacional e local de aprovações nas diversas disciplinas, pois não se observa as diferenças existentes entre os países, alguns colonizados e outros imperialistas. É dentro dessa crítica que envolve subjetividades aqui apresentadas que traçaremos outras vias de possibilidades para fazer repensar as histórias pessoais e coletivas que envolve esse singular país, e ainda as muitas barreiras que envolve raça, classe e gênero que como bem sabemos ainda impede o respeito aos educadores e a massa de educandos envolvidos no processo educativo.

Soma-se essas tantas descobertas positivas vivenciadas no Curso de Pedagogia a minha participação na Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS): Produção do conhecimento e ensinar/aprender em comunidade, que ocorreu em uma sociedade local denominada Santiago do Iguape, que fica no Recôncavo da Bahia, no qual entre as mulheres que realizavam a mariscagem, no grupo de samba de roda, ou no coletivo de pescadores, havia divisões entre eles, mas havia também questão como: suas pesquisas vão voltar para nossa comunidade? Haverá retorno? Foi importante refletir a importância de sair de sala de aula, conhecer um mundo concreto com pessoas concretas, com suas demandas, com liderança de mulheres, que por meio das construções sociais que ocorria no local, foi possível essas mulheres buscarem outras formas de existência, independentes de seus companheiros.

2.2 Meus filhos, Meus Mestres e as Descoberta Pedagógicas

É interessante destacar que, no processo de desenvolvimento de meu filho e minha presença em sala de aula, essas duas experiências me deixavam orgulhosa, pois, ao mesmo tempo que estava me preparando para ser uma profissional da área da educação, eu conectava essas epistemologias com os cuidados que deveria ter com meu filho em minha própria casa.

E, mesmo nos finais de semana, quando era necessário arrumar a casa, cuidar do meu filho, aqueles conteúdos apreendidos em sala de aula permaneciam pairando em

meus pensamentos. Entretanto, algumas vezes queria até estudar, mas me sentia tão cansada que não conseguia. Soma-se a isso dificuldade do ato de escrever, que para mim sempre foi algo muito difícil, mas a muito custo conseguia. Com o passar do tempo, fui percebendo que a leitura gerava outros insights para o desenvolvimento da escrita.

Nesse processo de tantas descobertas, em 2012, conheci um rapaz na empresa em que eu trabalhava e comecei a namorar e com pouco mais de três meses de namoro, descobrimos a gravidez da minha segunda filha. Essa gravidez me deixou enlouquecida, pois estava usando anticoncepcional. Pensei em um aborto, mas não tinha coragem e decidi prosseguir com a gravidez.

Nesse momento minha vida virou de cabeça para baixo, e ainda depois de um tempo o genitor, ao saber da gravidez, se afastou. Começaram os problemas e eu imaginava o que ia fazer para criar outra criança sem pai mais uma vez, ainda assim, continuamos entre idas e vindas.

A gravidez foi muito difícil, pois não me sentia bem, pois havia muitas transformações em meu corpo e mente. Até o sexto mês me sentia mal. Ainda tinha que trabalhar na empresa de telemarketing, onde os supervisores cometiam assédio moral, me perseguiram, diziam que era bobagem meu mal-estar, e assim continuei trabalhando, e minha amada filha Maria Eduarda nasceu prematura, com 7 meses. Por conta disso ela ficou internada 28 dias.

Foi muito difícil este período, pois Henrique tinha apenas 2 anos de idade e claro não compreendia minha ausência, mesmo estando com a avó materna. Sentia muito minha falta, o pai de Maria Eduarda me acompanhou neste período e foi muito prestativo neste momento, após este período volto a minha rotina cuidando de duas crianças uma recém-nascida e outra de 02 anos.

Tentei continuar a faculdade, mas acabava perdendo os conteúdos e as disciplinas, pois Maria Eduarda por nascer prematura ficava muito doente, tinha problemas respiratórios e tinha que fazer acompanhamento no Instituto Baiano de Reabilitação – IBR - toda semana. Por conta do nascimento prematuro ela poderia ter alguma limitação motora e cognitiva. Mesmo estando em um relacionamento com o genitor, ele não me ajudava em nada e ainda tínhamos um relacionamento conturbado.

Não consegui dar conta de faculdade, dois filhos e trabalho, depois que ela completou 6 meses de vida saí do trabalho e resolvi me dedicar só aos estudos. Foi aí que consegui dar continuidade ao Curso de Pedagogia, mas nesse período enfrentei 03 greves, o que também dificultou o término da graduação.

Durante o curso me sentia muito sozinha pois minha rotina era diferente dos outros alunos, não conseguia participar das bolsas de pesquisa por conta dos horários. Quando aparecia algum grupo de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC - que eu tentava fazer, mas não era selecionada, porque os editais selecionam os estudantes especialmente por notas gerais no semestre (score), o que muito me prejudicava. Até buscava compreender, acreditava que as participações nesses programas seriam fundamentais para minha vida acadêmica, no entanto, aqueles que elaboram esses programas deveriam também colocar em pauta os estudantes que trabalham, são mães, estão em outras condições de vida, mas que sonham, querem e precisam da Universidade de qualidade, gratuita e respeitando as adversidades.

Eu não tinha esse score devidos às dificuldades por conta de ser mãe, estudante e trabalhadora. Somam-se a isso tudo problemas de saúde de minha filha Maria Eduarda, que fazia com que precisasse, muitas vezes, me ausentar e até mesmo trancar semestre para poder cuidar dela pois a mesma precisava de muitos cuidados por conta do nascimento prematuro e o não amadurecimento dos pulmões que fazia ela passar meses doente. Entretanto, o score pretendido pelos editais, no meu entender, também esconde as competências e habilidades dos candidatos a conviver e construir coletivamente. Acredito, que uma das formas de abraçar a todos seria realizar avaliação e dinâmicas de grupo para reconhecer essas potencialidades e possibilitar a entrada de candidatos alunos que com a ajuda do (da) professor (a) poderia construir novas perspectivas para avaliar os interessados, contribuindo para rever como se deve viver a universidade.

Acredito que os Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC saíam ainda mais fortalecidos com a participação de uma diversidade de discentes, que por conta de suas diferentes experiências pessoais, profissionais e humanas traria também para os programas outras respostas para resolver impasses com os diversos grupos sociais espalhados dentro e fora da cidade de Salvador.

Muitos professores compreendiam o processo que eu passava. Mas outros não tinham outras formas de avaliar que eu não conseguia dar conta por conta da minha

realidade e eu acabava perdendo a matéria ou desistindo. Além da complexidade que é o curso noturno pois a maioria dos alunos era trabalhador, e tinha outras demandas iguais ou diferentes da minha, o curso noturno apesar de ser uma possibilidade de nós que estamos em condições de vida desfavoráveis, e apesar de todas as dificuldades que é estar em um ambiente acadêmico é também uma forma de resistência ao sistema pois a partir da graduação começam a surgir perspectivas de pessoas como eu, pessoas que pertencem a massa de ter uma formação profissional de qualidade, é possível ter acesso ao conhecimento. Como dizia Paulo Freire educação liberta só é possível quando transforma a situação do país onde vivemos se tivermos acesso ao conhecimento, apesar de me sentir desmotivada, sem perspectiva com dois filhos em um relacionamento abusivo, estar abalada emocionalmente, continuava tentando estudar e está no curso de pedagogia. Entretanto, ainda buscava no sorriso de meus filhos, cultivar a esperança de me tornar professora, e a mudança de vida meu alicerce para continuar vivendo.

Durante essa caminhada apesar de todos esses problemas tive professores maravilhosos, que me deram a mão e me ajudaram a caminhar, são eles e elas: Profa. Dra. Maria Couto, coordenadora do colegiado, que em muitos momentos me deu suporte administrativo para matricular, apresentando as disciplinas e seus horários e os dias, soma-se a isso a informação do que estava ocorrendo no Curso de Pedagogia, referente a Congressos, bolsas, estágios, além do apoio emocional incentivando a mim e outros colegas que também tinham outras demandas; Profa. Dra. Maria Izabel no acolhimento durante a gravidez, apresentando Piaget, momento que se juntava a minha descoberta como mulher e mãe; Profa. Dra. Sandra Marinho sempre muito amável, buscava diversas formas de me ajudar durante a gestação, contribuindo para eu me sentir mais confortável durante a aula, pois o processo de gestação da gravidez se revelou no momento de muitas doenças.

Soma-se ainda a Profa. Dra. Marize Souza que, ao discutir trabalho e educação, respeitava meu momento de exaustão emocional, com vários problemas pessoais, sem conseguir pegar o rumo da disciplina, e ela me disse “vamos você consegue”, “leia, estude, tente acompanhar, tente chegar no horário”. E, para tanto, essa educadora começou a ficar um pouco depois da aula comigo para conversar da minha vida e das coisas da academia. Eu não tinha ninguém de colegas de sala e para complicar esses colegas não me queriam na equipe, por conta da minha dinâmica de chegar atrasada,

dormir durante a aula, devido a passar a noite em claro dando nebulização a minha filha Maria Eduarda, os colegas achavam que eu não daria conta do conteúdo ou era despreparada para estar naquele lugar.

Entretanto, ao equilibrar os conteúdos que versava sobre *O Manifesto Comunista* de Marx com a Educação, a partir do uso da temática “estágio”, que contribui para debater a precariedade do trabalho no estágio extracurricular, que hoje existe em nossa sociedade, onde a mais valia que as empresas querem, colocam os estagiários nas funções de “Quebra-galho”, desvinculando das aprendizagens para o crescimento profissional. Com esse trabalho consegui pegar o fôlego a partir do apoio dessa professora.

Soma-se a ajuda de minha irmã Silvana e de meu cunhado Leonan em pensar o conteúdo trabalhado na sala de aula, para conclusão do meu trabalho sobre estágio extracurricular. E lembro que ao término de minha apresentação oral em sala de aula, entregando o trabalho impresso para a professora, a mesma levantou-se me aplaudiu, ressaltando que eu conseguir apreender todos os conteúdos abordados durante a disciplina, ela disse que: “apesar de todas as demandas você conseguiu mobilizar os conceitos com excelência, eu posso ver isso, estou contente”. A turma da disciplina ficou em choque, pois aquela aluna “mangueada”, “aparentemente desinteressada” havia trazido tudo que a disciplina e a ministrante almejavam.

Evanilson Gurgel trouxe afetos, questões de técnicas, educação informal, não formal, espaços informais, ajudando-me a compreender como mobilizar o ensino de ciência na educação infantil. Com os professores Eduardo Miranda e Clímaco Dias, foi possível descobrir as questões que envolvem a construção das identidades a partir dos lugares, pessoas e coisas. Esses inquietantes professores me apresentaram autores negros como Milton Santos, Eliane Cavalleiro e outros, que me fizeram pensar e continuar a repensar o que entendo sobre o homem e na mulher negra, e eu como mulher negra, periférica, mãe de menino e menina negra, e que almeja um futuro melhor. Assim, Miranda e Dias me fizeram mergulhar nas representatividades, memórias, ancestralidades, foi certamente disciplinas e conhecimentos para além do que eu pensava ser a geografia, pois havia vida em tudo, tudo estava e continua a estar em movimento.

A professora Andrea Lima trouxe conhecimentos sobre recursos sustentáveis para o Ensino de Matemática. Desconstruindo a Matemática como um bicho de 7 cabeças, e trazendo o método não como uma receita de bolo, mas a partir da dialética de descobrir fazendo, refletir como o ensinar a matemática, respeitando aquele que está na minha frente, a partir de recursos como por exemplo uma placa de ovos para confecção de jogos, pensando como ensinar matemática em diferentes realidades. Apostando que mesmo sem recursos financeiros, é possível construir aprendizagens utilizando de nossa criatividade recursos para ensinar bem, lembrando sempre ao aluno que a matemática está em todos os lugares e eles podem ser felizes realizando suas próprias descobertas.

Vanessa Siviers também foi de extrema importância, pois ela compreendendo a minha situação não desistiu de mim. Esses professores foram de extrema importância na minha jornada, eles me ajudaram a não desistir do Curso de Pedagogia. Em meio de tantas dificuldades, eles não desistiram de mim, além da equipe da Creche UFBA e da PROAE, sem o suporte dessas instituições/pessoas não teria conseguido.

Enfatizo, especialmente no semestre 2019.1, Andreia Lima, Rejane Alves que não tenho nem palavras para expressar os meus sentimentos por ela, que tanto me ajudou para que eu pudesse permanecer no curso e terminar a graduação. Marlene Santos que com muita leveza me fez refletir e construir aprendizagens muito importante no que diz respeito a educação infantil. Gisely Lima e minha querida orientadora Carollina de Lima, que me impulsionaram ainda mais para frente, e durante todo semestres estas professoras maravilhosas acreditaram em mim, além de me ajudarem durante as aulas a construir conhecimento e mostraram na prática que nós professores podemos mudar a vida de nossos alunos, e que nunca devemos desistir mesmo que estejamos remando contra a maré, com amor e dedicação é possível educar e formar cidadãos letrados e preparados para viver neste país, marcado pela desigualdade social e preconceitos.

Destaco, ainda, as aulas e a pessoa da professora Simone Assumpção, que também foram de extrema importância na minha trajetória acadêmica, pois consegui tecer várias reflexões acerca do ensino da Língua Portuguesa, e que modelo de docente quero ser. A professora Simone me fez enfrentar o meu medo de não conseguir vencer os obstáculos das disciplinas. Em alguns momentos pensei até em desistir dessa disciplina, pois era muito difícil para mim o conteúdo. Eu não podia fazer isso, pois

sabia que apesar das dificuldades, ela como professora acreditava em meu potencial e eu não podia decepcioná-la. Gerou então uma admiração a essa profissional que ensina buscando o melhor de seus discentes, e para tanto, constrói inúmeras formas de fazer ser entendida, para que o conteúdo da disciplina, seja também conteúdo a serem levados para vida prática que vivenciaremos em nossas particulares experiências de profissionais junto a diferentes agentes culturais que estaremos em contato e aprendendo juntos.

Dentro de minhas memórias, ainda há os professores doutores Menandro Ramos, Karina Menezes, Marcus Vinicius, Clímaco Dias, Helen Deyse, Rubenilda Sodré, Renato Delmondez, Ravena Sousa, Lanara Guimarães, Alamo Pimentel, Daniela Varandas, Terezinha Fro s, todos outros docentes, técnicos e terceirizados da Ufba.

Logo, trazer as contribui es desses mestres do saber, correlacionar com meus momentos de vida, e descobrir com eles e pela minha vontade e necessidade a Pedagogia, me faz acreditar que a forma o nesse curso me trouxe excelentes possibilidades de fazer um novo futuro, dentro de uma profissão que se renova e renova nossa existência, e que faz muito bem, quando utilizada com afetos, junto as crianças, jovens e adultos.

2.3 Estágios e a forma o para além da sala de aula

O estágio, seja curricular ou extracurricular, muito contribui para a nossa forma o acadêmica em Pedagogia, pois podemos refletir sobre a prática docente em diferentes eixos de ensino em que o pedagogo atua, que pode ser educa o infantil, ensino fundamental I e EJA, além de outros ramos que ultrapassam a sala de aula.

No meu caso, o meu contato com a experiência de estágio (PIMENTA, 1995) aconteceu na contramão de outros colegas, pois priorizei o estágio remunerado, precisamente a partir dos valores financeiros que esses estágios ofereciam, e que se juntava ao pouco que tinha que era o auxílio da PROAE para sobreviver, permitiu alicerce para relacionar teoria e prática, aspecto que me permitiu permanecer no citado Curso, e ao mesmo tempo conhecer os alcances da profissão que estava envolvida, as fragilidades das institui es que não possuem profissionais de pedagogia em seu quadro fixo, e a necessidade de como estudante contribuir nos processos educativos sistemáticos. Pimenta (1995) ratifica a importância do estágio:

O estágio é um componente do currículo que não se configura como uma disciplina, mas como uma atividade. Um programa de didática como o esboçado precisa lançar mão dessa atividade na medida em que ela é propiciadora da inserção dos alunos nas instituições escolares, para o conhecimento de como o processo de ensino aí se dá. Mas, como vimos, esse conhecimento não se restringe a uma unidade escolar. Trata-se de tornar a unidade para compreendê-la na totalidade. A didática não se reduz, no entanto, à atividade de estágio, nem reduz este a ela. Da mesma forma, o estágio pode servir às demais disciplinas e, nesse sentido, ser uma atividade articuladora do curso. Ademais, como todas as disciplinas, é uma atividade teórica (de conhecimento e estabelecimento de finalidades) na formação do professor. Uma atividade instrumentalizadora da práxis (atividade teórica e prática) educacional da transformação da realidade existente (PIMENTA, 1995, p. 63).

Assim como Pimenta (1995), Tardif (2013) percebe nos processos de estágio, no encontro com os profissionais de carreira dentro da UFBA, profissionais de várias áreas (Museólogos, Arqueólogos, Restauradores, Professores e outros) que a Pedagogia com sua práxis contribui para acionar conteúdos, propor ações para públicos específicos, além é claro de construir outros processos avaliativos.

Tardif (2013) chama atenção para o significado da passagem ao estágio do *metier* para o desenvolvimento pessoal dos professores, como trabalhadores reconhecidos como responsáveis pelo seu desempenho no trabalho, com certa autonomia para decisões importantes no que se refere às atividades com seus alunos. Este aspecto foi particularmente importante para as mulheres, que passaram a exercer o magistério como trabalho independente de controles diretos de pais ou de supervisores religiosos. Em contrapartida, elas tiveram que se formar adequadamente para o exercício da função e essa formação foi, em nosso caso como em outros países, oferecida pela Escola Normal (LUDKE, 2013, p.117).

2.3.1 Estágios Curriculares

Os estágios curriculares contribuem bastante para a formação, pois eles possibilitam que os estudantes possam pôr em prática o que é estudado ao longo do curso. As realidades educacionais como os estágios curriculares, por exemplo, o estágio 2 que fiz em uma creche comunitária onde havia crianças de 0 (zero) a 03 (três) anos,

que estavam em situação de vulnerabilidade social, levando-me a necessidade de refletir sobre a infância e suas problematizações.

O parecer n. 28/2001 (Brasil, 2002) afirma que o estágio curricular supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. Com isso, entre outras coisas, o licenciando poderá acompanhar e compreender algumas atividades às quais não teria acesso como aluno, tais como planejamento de aulas e elaboração de projetos pedagógicos. Como ocorre a supervisão, o estagiário poderá exercer o papel de professor, integrando-se com os alunos e colegas professores, realizando uma rica troca de experiências e desenvolvendo as competências exigidas na sua futura prática profissional, especialmente quanto à regência (RODRIGUES, 2013, p. 1011).

Na sociedade contemporânea, de forma geral, há consenso sobre a importância de proteger a infância, que deve possibilitar o brincar, o se relacionar, o ser protegida, o ter acesso à saúde, introduzindo aos poucos as crianças nos processos de escolarização, no viver suas culturas e acima de tudo em se sentir e ser feliz.

Dentro da concordância que a infância, como campo de experimentação, alicerça a construção da pessoa a partir da descoberta do mundo, que vai afetar de forma qualitativa novas relações junto a outros indivíduos, suas preferências, habilidades, relações com o meio ambiente, projetos e projeções de vida, conscientização de si mesmos, que também revelará as competências e habilidades individuais.

Nesse contexto, a temática e complexidade da infância, atrela-se ao próprio futuro das nações, pois acredita-se que crianças felizes e bem assistidas em diferentes aspectos, provavelmente, também reproduzirão em sua fase adulta proposições positivas sobre sua sociedade, aperfeiçoando processos que elevam a qualidade de vida.

Em nosso caso, residindo na cidade de Salvador e realizando o estágio curricular realizado em uma creche comunitária no bairro de Ondina, comecei a me questionar como os governos estadual e municipal compreendem a importância da infância de crianças majoritariamente negras.

Parece razoável subentender que o mesmo ocorre também com as demais licenciaturas. Pimenta e Lima (2004) afirmam que a dissociação entre a teoria e a prática resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, evidenciando a necessidade de explicitar porque o estágio é teoria e prática. As autoras comentam ainda que a

profissão do educador é uma prática social, é uma forma de intervir na realidade social, pois a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação (RODRIGUES, 2013, p. 1013).

Crianças que, mesmo tendo seus direitos assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente e outros documentos oficiais, que ratificam a necessidade e obrigatoriedade governamentais constarei que não havia estruturas físicas e intelectuais adequada, leia-se espaço físico construído em equilíbrio com o meio ambiente; mobília compatível com as idades das crianças e a necessidade ergometria; elementos pedagógicos tais como livros, painéis coloridos, pisos emborrachados, ambiente para as sonecas e outros sensíveis dispositivos; e claro equipe multidisciplinar formada por pedagoga, cozinheiro, nutricionista, psicólogas, fonoaudiólogas, professoras (es) de educação física, musicistas, auxiliares e outros tantos profissionais, muitas vezes concretizar os documentos formais de proteção da infância torna-se grande desafio social.

Compreendemos que, mesmo com esses documentos formais nacional chancelados pelos gestores nos âmbitos federal, estadual e municipal, há complexas barreira de entendimento do que vem a ser o futuro para essas crianças, que são negras, em um país que busca desconstruir a importância dessas vidas. Nesse hiato fica prejudicada a qualidade da experiência dessas crianças entre si, com seus educadores, suas diferentes famílias nucleares, e os mundos externos que aos poucos lhes são apresentados, nesse contexto nós, educadoras, (RODRIGUES, 2013) precisamos estar atentas para essas realidades e as possibilidades no processo educativo.

Lima (2006, p. 35) afirma que “o mundo atual requer um novo tipo de profissional, cujos saberes sejam polivalentes e, sobretudo, amplos e sólidos, para corresponder às peculiaridades e ao caráter multifacetado da prática pedagógica”. É importante que os diversos sujeitos envolvidos no processo de estágio (professor da disciplina, professor colaborador e aluno estagiário), bem como as instituições (universidade e escola), estejam em sintonia, para que o estágio seja realmente uma parte interessante e necessária para a formação do futuro docente, tornando-o mais apto para a realização do ofício da docência. Esta pesquisa ainda se encontra em andamento, pois tivemos o que os alunos pensam acerca do estágio antes de realizá-lo. Ao terminarem o estágio, os estudantes poderão fazer uma avaliação das experiências vividas durante esse período e poderão formular um melhor juízo de valor sobre a disciplina cursada. (RODRIGUES, 2013, p. 1031).

2.3.2 Creche Comunitária de Alto de Ondina

Nesse contexto, a creche em que realizei meu estágio curricular nasceu da vontade, em sua maioria, de mães negras, que são empregadas domésticas, que trabalham nos prédios e mansões no próprio bairro de Ondina, que pela necessidade de colocar seus filhos em um lugar com segurança, criaram um espaço comunitário, que ainda está sendo estruturado.

Essa creche está instalada em prédio alugado, sem área para lazer (parque, quadra etc.), localizado em uma rua estreita e que ainda precisa de recursos para composição de equipe interdisciplinar. Vale destacar que, no presente, há voluntárias na área de pedagogia, e as auxiliares fazem a higiene das crianças, e promovem brincadeiras. Outro entrave é que, mesmo existindo uma profissional de pedagogia, ainda que voluntária, não há projeto pedagógico específico, com regularidade dos meses, semanas, dias e horários para qualificar os serviços junto às crianças e suas famílias.

Destaco que os aspectos de classe, raça e gênero estão contidos na necessidade de composição dessa creche. Formada por mães negras e profissionais domésticas nos chama atenção para pragmática de nossa sociedade, onde os negros e negras com suas famílias, como padrão social, estão na periferia, subordinados por serviços subalternos e convivendo com a precariedade de acesso a saúde, educação, moradia, cultura, esportes e lazer para si e conseqüentemente para seus filhos. Assim, fiz atividade de *Contaçon de história* com o objetivo de levar a literatura infantil *Meu Crespo é de Rainha*, onde as crianças se sintam representadas, quebrando paradigmas de padrões de beleza, contribuindo para a construção da identidade, pensando na extensão territorial de nosso país, nos desafia a trazer proposições que contribuam para conceituar, discutir e agir contra os dispositivos racistas e discriminatórios que existem desde o processo da educação infantil junto a crianças negras e brancas. Nesse aspecto Kabengele Munanga contribui ao trazer as seguintes perspectivas:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também

tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (KABENGELE, 2005, p.16).

É fato que a todo tempo vemos em livros, filmes e em outros tipos de mídia conto, histórias e estórias nos quais os personagens exaltados são fadas, bruxos, princesas, príncipes, reis todos brancos, e os personagens negros, quando aparecem, estão na condição de serviçais, anônimos e coadjuvantes. Exemplo a destacar é o filme infantil brasileiro “RIO” onde o menino negro rouba o casal de pássaros raros para levar a 03 outros homens, sendo que o papel principal está dado a moça branca, e ao moço branco veterinário, ambos de classe média. Esse filme, e outros, fortalece o inconsciente coletivo que o negro está propenso a marginalidade, a pobreza e ao atraso socioeconômico, desencadeando outros processos de negação do fenótipo negro, das histórias das populações aqui trazidas, dos conhecimentos ancestrais, e da luta de diferentes comunidades e pessoas na busca pela equidade social. A exemplo disso podemos ressaltar:

A reiteração de abordagens e estereótipos que desvalorizam o povo negro e supervalorizam o branco resulta na naturalização e conservação de uma ordem baseada numa suposta superioridade biológica, que atribui a negros e brancos papéis e destinos diferentes. Num país cujos donos do poder descendem de escravizadores, a influência nefasta da escola se traduz não apenas na legitimação da situação de inferioridade dos negros, como também na permanente recriação e justificação de atitudes e comportamentos racistas. De outro lado, a inculcação de imagens estereotipadas induz a criança negra a inibir suas potencialidades, limitar suas aspirações profissionais e humanas e bloquear o pleno desenvolvimento de sua identidade racial. Cristaliza-se uma imagem padronizada que diminui, exclui, sub-representa e estigmatiza o povo negro, impedindo a valorização positiva da diversidade étnico-racial, bloqueando o surgimento de um espírito de respeito mútuo entre negros e brancos e comprometendo a idéia de universalidade da cidadania” (Marcha Zumbi dos Palmares, 1995).

Desta forma, torna-se de extrema importância a construção de escolas e creches que tenham em projetos que discutam o que vem a ser racismo e preconceito racial, traga para as crianças da educação infantil elementos para que reconheçam nas histórias, personagens, causos, conhecimentos, personalidades atuais afrodescendentes, construindo outras perspectivas de relação entre o indivíduo e a coletividade, nos planos material e simbólico como nos traz Neves (2005) especialmente por esse projeto a ser realizado na cidade de Salvador, cidade essa mais negra que há no Brasil.

Se concebo o racismo como produzido e sustentado nos dois planos – material e simbólico –, as ações de combate ao racismo devem se direcionar aos dois planos também. Em consequência, considero que, na atualidade, o combate ao preconceito e ao estereótipo racial na educação, dimensão importante de combate ao racismo brasileiro, seja em termos da produção acadêmica, seja em termos da ação dos movimentos negros pode ser interpretada como primeira etapa das estratégias de “transformar o estigma em orgulho, auxiliando na autoestima do grupo estigmatizado e, assim, abrindo perspectivas para a percepção da exclusão” (NEVES, 2005, p. 87).

E assim crianças desde a educação infantil possam reconhecer os referenciais afrodescendentes em suas vidas, possam transmitir esses conhecimentos em seus próprios lares, gerando outras formas de percepção sobre suas histórias familiares, e com isso seja desencadeado outros inovadores processos de valorização, salvaguarda, respeito das diversas e ricas culturas negras que convivem conosco seja na culinária, nos esportes, nas diversas formas de fazer ciência, nos relacionamento e consequente valorização da vida, aspectos que fortalecerá ainda mais o sentido de existência para essas crianças, sua relação com a escola, e da escola com essas crianças, abrindo novas perspectivas para se fazer educação lúdica, inclusiva, crítica e em sinergia com vida concreta

Nesse contexto, compreendo que a cidade de Salvador, local em sua maioria formada por negras e negros, também é palco para o que convencionamos chamar de racismo estrutural, pois em 500 anos de história, a sociedade soteropolitana parece não ter se deslocado do modelo de subserviência que o Estado colonial estabeleceu para aqueles de pele negra, que ainda moram nos espaços periféricos, sem estrutura física, com problemática de ascensão social, e consequentemente sofre os efeitos perversos de uma história, que desconhece a importância de equidade como perspectiva de melhoria de vida para todos. Nesse contexto Bersani (2018) nos chama a refletir:

O racismo estrutural corresponde a um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado. Por corresponder a uma estrutura, é fundamental destacar que o racismo não está apenas no plano da consciência – a estrutura é intrínseca ao inconsciente. Ele transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e

recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas (BERSANI, 2018, p.193).

Minhas observações aguçadas por Bersani (2018), ao enxergar as questões de raça, classe e gênero, que aciona junto as mães negras dessas crianças a necessidade de resolver um problema emergencial, que está implicado com os privilégios históricos das famílias brancas, que tem no bairro de Ondina suas moradias. E, que mesmo necessitando dos serviços das domésticas, mulheres negras, pouco vão se importar se essas têm famílias, e menos ainda que tem filhos, que conforme suas mães trabalhadoras precisam ficar salvaguardados em algum lugar, esse autor continua:

De fato, o racismo estrutural é nítido e não demanda grande esforço para ser visualizado. Ele está difundido na sociedade, na ordem social vigente e a serviço dos privilégios que demarcam as classes sociais. Enfrentá-lo é uma forma de discriminação positiva e necessária, e não um racismo na mesma intensidade, ao contrário do que muitos dizem, pois trata-se da busca por mecanismos que promovam a desconstrução da ideologia que se traduz em inúmeras práticas discriminatórias diariamente, chancelando a exclusão de um grupo social específico. (BERSANI, 2018, p.194)

Assim, constado que temos um problema grave em nossa sociedade (BARRIOS & CAETANO, 2018), que vem se arrastando há pelo menos 05 (cinco) séculos, onde aqueles que são negros, estão privados de concreta qualidade de vida, vivendo em condições inadequadas, e buscando sobreviver via ações comunitárias específicas. Espelhadas nas suas próprias táticas (DE CERTEAU, 2002) de construir para as suas crianças negras, pobres e desassistidas pelos governos, espaços de guarda, ainda que os documentos formais de educação, indiquem que os governos devem obrigatoriamente possibilitar recursos financeiros para assegurar a infância:

O racismo estruturante está inscrito no tecido social brasileiro, sobre os corpos daqueles que compõem sociedades que foram colonizadas. Estes sujeitos e sujeitas negras, negros e indígenas são desde muito cedo submetidos a marginalização, inferioridade, exotismo, subserviência, pobreza e dentre tantas outras formas de violência. De modo que pessoas brancas e brancos acessam referências que compõem seu repertório imagético de superioridade, beleza, poder, dinheiro, liderança, vitória, cuidados (BARRIOS & CAETANO, 2018, p 221).

Compreendo, também por vivência individual, e pelo exemplo dessas mulheres negras do Alto de Ondina, que há racialização na construção da malha social no Brasil, que se

apresenta tão ou mais agravante na cidade de Salvador, pois claramente temos um número considerável de mulheres que são domésticas (cozinheiras, babás, faxineiras), algumas mães solteiras, ratificando que o termo “mãe-solteira” carrega múltiplas cargas sociais, e essas personagens compreender que o Estado brasileiro, seja esse prefeitura ou governo do estado, pouco se importa, com a situação de penúria que vivem com seus filhos.

Nesse sentido, racismo estrutural pode ser explicado a partir de uma racialização do mundo como um fenômeno associado ao desenvolvimento capitalista, que se legitima graças à ideologia racista e se reproduz devido à atuação de mecanismos de discriminação racial. Tanto a ideologia quanto os mecanismos se apresentam de maneira distinta, conforme o contexto social, político e econômico do país, estas categorias viabilizaram a coisificação dos humanos, sobretudo a condição mercantil de escravos (BARRIOS & CAETANO, 2018, p 222).

Em outra perspectiva, acredito também que a criança dessa creche por mães de crianças negras, mostra o quanto essas mulheres estão se empoderando, no sentido de não esperar por medidas governamentais, e logo, devem estabelecer ações práticas que assegurem que seus filhos estarão vivos, alimentados, tomado banho e em paz no retorno de suas mães, que saem para as mansões e apartamentos de luxo do bairro, e que deixam seus corações e mentes naquela pequena creche, que cuida de suas pequenas joias. Nesse contexto Ribeiro (2019) nos chama atenção sobre esses processos de empoderamento:

Conceituando ‘empoderamento’ na perspectiva feminista, de Cecília M. B. Sandenberg. O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que o oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (RIBEIRO, 2019, p. 06).

Esse empoderamento feminino vivenciado na Creche Comunitária do Alto de Ondina nos mostra que a população está buscando táticas de sobrevivência, que vão de

encontro a sociedade machista, eurocêntrica, hetera, que desconsidera as mulheres e homens negros, em uma cidade que respira ancestralidade afro-brasileira.

2.3.3 Grupo de Mulheres de Alto das Pombas – GRUMAP

A Disciplina Componente Curricular: Estágio 3, sob a orientação da Profa. Dra. Cilene Canda, oportunizou conhecer e vivenciar junto ao Grupo de Mulheres Negras do Bairro de Alto das Pombas, na cidade de Salvador – Bahia, no semestre 2019.1, que foi parceiro, a participação em suas ações culturais e educativas através da metodologia com arte-educação.

Durante o período de estágio curricular em espaços não formais de educação, foi possível compreender a importância de movimentos. Um exemplo disso foi o Grumap que surgiu entre os moradores da sociedade local de Alto das Pombas. Por ser um movimento que eclode dentro da sociedade local entre seus moradores, eu entendo essas pessoas como intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2001).

Destaco que esse estágio teve sua importância, por oportunizar a realização dessa experiência dentro do coletivo de outros estudantes de Pedagogia da UFBA, que, no convívio dos dias de estágio, estabeleceram diferentes níveis de trocas e interações, permitindo ainda maior aproveitamento dos conteúdos, da convivência com a sociedade local escolhida, e a construção de processos educativos protagonizados tanto pelos habitantes locais, grupo de estudantes que se envolveram completamente com o trabalho socioeducativo do GRUMAP de realizar a educação libertária.

O Grupo de Mulheres Negras do Alto das Pombas foi formado em 08 de março de 1982, dia Internacional da Mulher, em momento de abertura política no Brasil, com vistas a trabalhar questões culturais, educativas e consequentemente políticas que envolvem a mulher negra e a sociedade baiana, contribuindo para novas práxis sobre o que vem a ser ancestralidade, contribuições culturais, científicas, históricas e lúdicas relacionados aos conhecimentos das matrizes africanas e afro-brasileiras.

Desta forma, o estágio realizado no semestre citado teve como objetivo estabelecer conexões entre os conhecimentos produzindo dentro da academia, com os conhecimentos produzidos pelo Grumap, que apresenta pedagogia voltado, à

conscientização, formação em diversas áreas, empoderamento e fortalecimento do sentido de coletividade junto as crianças, jovens e adultos dessa sociedade local.

Compreendo que esse estágio oportunizou o deslocamento do olhar sobre as potencialidades da Pedagogia e do Pedagogo em contextos de construção do conhecimento fora da escola, em ambiente onde as relações pessoais, profissionais e afetivas são mais fluidas, as trocas sociais e educativas são construídas a partir de reconhecimento da importância pessoal de cada pessoa, e seu envolvimento com o bem-estar, as descobertas e o envolvimento de cada agente cultural.

Assim, esse estágio, ao abrir as perspectivas de construção de conhecimento formal entre o estudante, professoras, Universidade, apresentou também as perspectivas de reconhecer intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2001), pessoas que estão vivas, se reconhecem no processo de educação como prática para liberdade (FREIRE, 2006), e conseqüentemente me desperta para potencializar dentro e fora da escola meu próprio envolvimento com as questões sociais e com a transformação da realidade de pessoas negras como eu, que ainda está na batalha de construção de uma melhor qualidade de vida.

Isso me faz acreditar que a Pedagogia como fundamental meio de despertar pessoas, concretamente está dentro das minhas perspectivas de vida, e muito me faz acreditar que é possível alinhar conhecimentos acadêmicos com as sociedades locais das muitas periferias que existem em nossa cidade e demais locais do país, com vista à descoberta de inúmeros agentes culturais e suas potencialidades na construção e defesa da Cidadania, atuando estrategicamente para auxiliá-la em diversos assuntos. Esses mobilizam e constroem saberes, com os quais buscam ajudar a sociedade local.

É a partir dessa oportunidade de estágio em um contexto de “educação popular”, que os movimentos negros e feministas, como o Grumap, ganham sentido, pois, ao participar de 04 (quatro) meses de convívio, essa experiência aciona conhecimentos, intensifica a necessidade de novas buscas e me fez refletir outros aspectos da educação em processo que se dá em espaços não formais, que não buscam a educação bancária como elemento vital para seus públicos, e estão voltadas para as necessidades diretas desses atores sociais.

Faz parte dessa construção que envolve conhecimento formal e informal, solidariedade e liderança, envolvimento e concreta preocupação com o bem-estar em

curto, médio e longo prazo para comunidade que, acredito ter acionado, outras percepções de como esses grupos se formam, se consolidam, e vivem aquele lugar.

Nesse aspecto a Educação proposta pelo Grumap, a partir das oficinas de poesia, teatro, dança, contação de história, penteado afro, maquiagem para negras, capoeira e tantas outras atividades tem na arte-educação, elemento para esse despertar da criança que começa a se reconhecer como negra e negro, passa a cuidar e respeitar seu corpo e do amiguinho, se descobre adolescente em uma periferia de Salvador, e claro se envolve afetivamente com o próprio Grumap permitindo que esse continue a formar novos intelectuais orgânicos a partir do compartilhar aspectos da cultura (BOAL, 2009) em um processo ininterrupto e de libertação da subserviência, que tanto destrói sonhos e realidades para os jovens negros e negras:

Culturas são campos de batalha: temos que combater tudo que nos leve à subserviência e à passiva aceitação da opressão, em todas as culturas, inclusive nossas, naquilo que têm de ruim e perverso (BOAL, 2009, p. 38).

Desta forma, os sujeitos sociais e culturais desse grande grupo denominado GRUMAP, que vem há 37 anos desenvolvendo ações, tem forte parceria com alguns pais e mães, que vivem próximo e que participaram e hoje vivem esse grupo socioeducativo. Que envolve relações afetivas, sejam elas de parentescos sanguíneos, seja por amizade, intelectualidade, apoios e patrocínios culturais.

Esse meu interesse estava em consonância com a realidade (FREIRE, 1979) que o estágio estava proporcionando, pois a citada instituição já tem respaldo social e educativo dentro e fora da comunidade, se compreende como agente de transformação, elabora e executa propostas de enfrentamento das violências contra o povo negro, constituídas no racismo estrutural, no preconceito religioso, na invasão da polícia no bairro de Alto das Pombas, na escassez de recursos de lazer para população, no envelhecimento e esquecimento das memórias e histórias dos atores e atrizes sociais locais.

O homem, precisamente porque é homem, é capaz de reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores. Sua reflexão sobre a realidade o faz descobrir que não está somente na realidade, mas com ela. Descobre que existe seu eu e o dos outros, embora existam órbitas existenciais diferentes: o mundo das coisas inanimadas, o mundo vegetal, o animal, outros homens... Esta capacidade de discernir o que não é próprio do homem permite-lhe, também, descobrir a existência

de um Deus e estabelecer relações com ele. O homem, porque é homem, é capaz igualmente de reconhecer que não vive num eterno presente, e sim um tempo feito de ontem, de hoje, de amanhã. Esta tomada de consciência de sua temporalidade (que lhe vem de sua capacidade de discernir) permite-lhe tomar consciência de sua historicidade, coisa que não pode fazer um animal porque não possui esta mesma capacidade de discernimento. (FREIRE, 1979, p.20)

Logo, compreendendo o estágio curricular, como catalizador dialético que envolve e entrelaça teoria e prática, revela a sociedade concreta, com suas singularidades, virtudes e antagonismos, trazendo as (os) futuras (os) profissionais pedagogas (as) a oportunidade de construir suas carreiras docentes, sejam elas dentro da escola (gestão geral, coordenação e ou sala de aula), em Ongs como o Grumap, em hospitais (rede pública e ou privada), mas com vistas a compreender que há necessidade de sistematizar os processos educativos, executá-los, respeitando as singularidades e diversidades dentro dos grupos atendidos, acionando os processos de avaliação qualitativa e também quantitativa quando necessário, com objetivo de alimentar cotidianamente o próprio processo de educação que beneficie o aprimoramento da sociedade.

Gramsci (1982) traz reflexões sobre esses intelectuais orgânicos, que junto ao Grumap foi possível reconhecê-las, pois as mulheres líderes desse grupo, tem forte relação com esse lugar, proveniente da existência dessas líderes com a trajetória daquele lugar, repleto de memórias e histórias, que ensina a todo tempo outras formas de fazer educação junto as crianças, jovens e adultos negros e negras daquele pedaço de terra de tantos pertencimentos, desta forma Gramsci (1982) fala:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, que cabe observar que a massa dos camponeses, ainda desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais “orgânicos” e não “assimila” nenhuma camada de intelectuais “tradicionais”, embora outros grupos sociais extraiam da massa dos camponeses muitos de seus intelectuais e grande parte dos intelectuais tradicionais seja de origem camponesa (GRAMSCI, 1982, p. 03).

2.4 Estágios Não Curriculares

2.4.1 Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA)

Em 2014 estava desempregada, sobrevivendo com o auxílio da PROAE. Surge nesse contexto a oportunidade de ser estagiária no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia – MAE-UFBA. Inicialmente fiquei como voluntária, no período de outubro a janeiro, e em fevereiro fui contratada como estagiária.

Após ser selecionada no estágio no Núcleo de Mediação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA), meu trabalho era realizar processos de mediação com crianças e adolescentes de diferentes escolas públicas e particulares. Para além da mediação de conteúdos junto aos diferentes educandos que visitavam o MAE/UFBA, eu estava envolvida, juntamente com outros estagiários bolsistas, com as atividades: Série Conversas (atividades eventuais com a participação de pesquisadores convidados e professores visitantes); Abril Indígena; Boletim do MAE-UFBA; Semana de Museus (mês de maio); cursos de extensão nas áreas de Museologia, Antropologia e Conservação; Exposições de curta duração; Lançamento de livros; e outras ações internas na instituição.

Essa experiência me trouxe a oportunidade de contribuir com a instituição na organização de visitas escolares. Atividade que me possibilitou aprofundar questões educativas sobre a preservação da cultura indígena, especialmente durante a Exposição Primeiros Brasileiros do Museu Nacional.

O quadro de valores atribuído aos indígenas também foi modificado no olhar dos estudos históricos. Hoje, passaram a ser entendidos como povos com história dinâmica, sujeitos protagonistas da sua história e da história nacional, que criaram estratégias de luta, resistências e negociações ao longo dos cinco séculos de convivência com os não índios. São povos vivos e atuantes, que afirmam constantemente sua identidade (TERRA, 2014, p. 01).

Trabalhar em uma instituição museológica oportunizava compreender a importância social desse equipamento para desencadear diferentes ações educativas e culturais junto aos diferentes públicos. Assim, durante o período de estágio não curricular realizei por meio da atividade de **mediação** associações com os

conhecimentos do meu curso Pedagogia, e com os conteúdos que o MAE/UFBA possui que tangencia Arqueologia e Etnologia. Compreendi que a Pedagogia pode e deve estar em espaços não formal e informal. E estar em um Museu construía outras perspectivas de acionar os conteúdos que apreendia em sala de aula na FACED, associando com as sociedades indígenas que eram apresentadas para as pessoas.

Quanto à aplicação da lei, **as secretarias e escolas devem decidir como redesenhar seu currículo para encaixar os conteúdos**. Por meio de uma demanda dos professores, a EMEI Carolina Maria de Jesus, em São Paulo, se destaca hoje no método de ensino da cultura dos povos indígenas e das raízes africanas.

“Por iniciativa dos educadores daqui, começamos com o resgate da história da nossa patrona, uma escritora negra”, explica a coordenadora Luciana Gatamorta. Atualmente a escola trabalha um semestre com matrizes africana e afro-brasileira, e no outro com estudos sobre os povos indígenas. Crianças de 4 a 6 anos são convidadas a estudar as particularidades de um povo, país ou personalidade dessa temática, e **ao professor cabe fazer a relação com o universo do aluno**. (REVISTA EDUCAÇÃO, 2016, p. 01)

Essa oportunidade de unir conhecimentos da Pedagogia e as necessidades da atividade de mediação no citado museu, foi uma oportunidade de crescimento profissional, especialmente em uma instituição que recebe anualmente uma média de 25 mil pessoas. A equipe da qual fiz parte era a linha de frente da instituição que tem como tripé o Ensino, Pesquisa e Extensão que estrutura a Universidade pública, somando-se ao tripé da Museologia de Pesquisa, Preservação e Comunicação.

Compreendendo desta maneira, as atividades comunicativas, mediadoras, de parcerias para recepção de um público visitante, tornam-se cada vez mais importantes e as ações educativas voltam-se para a valorização da frequência aos museus. É, portanto, no âmbito das relações humanas afetivas, transcendentais, consequentes, temporais que a educação pode ser compreendida como atividade museal (MARTINS, 2018, p 580)

Considero que a experiência de estágio em espaço não escolar, como é o caso de um museu universitário, permitiu compreender o valor dos processos de preservação de coleções museológicas e as estratégias de comunicação. A Mediação era realizada com vistas às demandas de cada grupo.

Vale ressaltar que, a direção do MAE/UBA buscou me envolver em todas as ações de cursos, palestras e conferências realizadas. Atividades que ajudam na formação

no que tange à preparação do estagiário para as ações de pesquisa, ensino e extensão, mas especialmente, para que eu recuperasse a motivação como estudante dentro de uma grande universidade.

Assim, minha formação tornou-se ainda mais diferenciada com esse estágio. Logo, tenho muito a agradecer à direção do Museu de Arqueologia e Etnologia e sua equipe, que vem empenhando-se para trazer a nós, estagiários, outras formas de unir teoria e prática, a partir da realização de atividade de mediação com vista a qualidade educativa e científica. Nesse período de estágio no MAE, em 2015, que conheci meu atual marido e companheiro de todas as horas, Antônio Marcos, que muito contribuiu na minha formação me apoiando e me dando suporte junto aos meus familiares e amigos para que eu pudesse finalizar o curso, com tranquilidade. Com este suporte, eu pude me dedicar às disciplinas, assistir às aulas sem me preocupar com o horário de pegar meus filhos na escola. Consegui participar mais dos eventos, pois teria ele para tomar conta de Henrique e Maria na minha ausência, todo esse apoio foi relevante para meu crescimento na academia.

2.4.2 Agente da Educação

Entre 2017 e 2018, fui agente da Educação, na Escola Municipal do Pau Miúdo e da Cidade Nova. Nesse Programa de Agente da Educação, a Prefeitura de Salvador, estabelecia que esse agente deveria ser:

aquele que sabe escutar e acolher os diferentes olhares, dúvidas e desejos dos alunos e seus familiares, ao tempo em que ajuda a equipe escolar a fortalecer a relação de parceria com as famílias e a comunidade local. Em parceria com os gestores, com a equipe pedagógica e com os demais integrantes da escola. O Agente da Educação realiza uma série de atividades focadas nos alunos e na aproximação das famílias na rotina estudantil (acesso ao site do Programa de Agente da Educação, em 10 de novembro de 2019).

Assim, durante esse período de estágio, pude perceber como as questões governamentais (os orçamentos, suas aplicabilidade e demais atos) afetavam o âmbito educacional, pois as crianças que frequentavam a escola estavam completamente desestimuladas em decorrência da situação precária a qual estavam submetidas. Havia problemas de nutrição, por causa da ausência de alimentos em suas casas.

Muitos alunos vinham de famílias conturbadas, sociedades locais formada por pessoas negras afetadas pela pobreza e falta de acesso a serviços essenciais como saúde, lazer, educação, saneamento básico e outros. Me deparar com esta realidade foi muito doloroso, por que eu me via no lugar daquelas crianças, pois eu bem sabia o que era a fome, o que era viver na periferia em uma casa em condições precárias, em uma família desestabilizada, marcada pela pobreza, e a fome além da ausência paterna que de uma certa forma nos afetava, pois minha mãe não tinha condições nem financeira nem psicológica para nos criar, assistir de perto esta realidade foi muito difícil.

Mas, apesar de tudo, busquei, como estagiária, me integrar das atividades nas escolas, acompanhar os alunos que tinham dificuldades em realizar atividades escolares, assim como as que tinham algum tipo de deficiência, além de intervenções promovendo ações que conscientizassem sobre racismo, bullying, intolerância e outros problemas que afetam a sociedade brasileira. A respeito de racismo, Sant'Ana (2005) diz que:

Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre os estudantes, professores, direção da escola, mas também o forte racismo repassado através dos livros didáticos. Não nos esquecendo, ainda, do racismo institucional, refletido através de políticas educacionais que afetam negativamente o negro. (SANT'ANA, 2005, p.50)

Assim, minha experiência se pautou em acompanhar a frequência dos alunos. Se identificasse evasão escolar, eu deveria entrar em contato com a família para diagnosticar o que estava acontecendo. Para tanto, deveria ir à casa do aluno, ou telefonar para a família, ou solicitar via direção da escola reunião com os responsáveis pelo menor. Buscar fazer intervenções, observando os déficits de aprendizagem, problemas de distúrbios comportamentais, intervenção pedagógica da educação infantil até o 5º ano do fundamental 1.

Desta forma, o estágio se constituía em promover atividades que poderiam ser voltadas para o aluno, equipe escolar, família, comunidade e equipe escolar, que poderiam ser individualizadas ou integradas. Construir intervenções e conscientização. Havia ainda atividades de dias comemorativos que não eram trabalhadas na escola, como por exemplo: Dia da Água, Dia da História em Quadrinho, Dia dos Animais etc.

Nesse contexto, o estágio como agente da educação muito contribuiu para a minha formação acadêmica, pois através dele pude compreender os impactos causados

pela desigualdade social, discriminação étnico racial e ações governamentais que descumpri documentos como o Estatuto da Criança e Adolescente e outros pactos sociais, delapidando a educação nesse país. Pois, se vivêssemos em um país onde não houvessem tantas disparidades sociais, penso que poderíamos melhorar a sociedade em que vivemos, principalmente no que diz respeito a educação.

Muitas das famílias que faziam parte da escola estavam em situação de vulnerabilidade social, algumas desempregadas, outras vivendo de trabalho informal, outros viviam de pequenas quantias disponibilizadas pelo governo através de programas sociais do governo como “Primeiro passo” e “Bolsa família”, que repassa quantia em dinheiro que era disponibilizado e ainda que fossem poucos reais, já servia pra comprar alguns alimentos. A respeito disso Mendonça (2019) diz que:

Na avaliação de Maria Lúcia Vieira, gerente da Pnad Contínua, os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres, porque a renda total das famílias vem majoritariamente do trabalho. "Com a recessão, o mercado de trabalho também entrou em crise, e o desemprego aumentou [hoje atinge 12,6 milhões de brasileiros]. O que afeta muito mais os mais pobres, já que o estrato mais rico tem geralmente outras fontes de renda além do emprego, como, por exemplo, dinheiro proveniente de aluguéis, pensões", explica. Ainda que nos últimos dois anos a população ocupada tenha voltado a crescer, os empregos criados foram, principalmente, os informais. "Os postos que estão surgindo são pouco remunerados e de baixa qualificação", diz Vieira (MENDONÇA, 2019).

Assim, a partir do estágio onde atuei como agente da educação, percebi que muitas das crianças eram indisciplinadas, não tinham rotina, algumas até já trabalhavam, e isso afeta a aprendizagem delas. A condição de vida que levavam prejudicava seu desenvolvimento intelectual e afetivo na escola, compreendo que tudo isso acontecia devido ao governo não ter interesse em resolver as demandas que afetam na áreas de saúde, educação e desemprego, aspectos que deixa evidente com a desestrutura governamental e a administração pública municipal, estadual, e federal, que desarticuladas com as necessidades afeta a vida do mais desfavorecidos que no caso são os pobres e negros e que por sua vez compõe a maior parte da população brasileira, com isso destaque:

Logo, fazer esse estágio na Rede Municipal de Educação me possibilitou ampliar o olhar acerca da realidade do país em que vivo, e que muito contribui para futura carreira docente, que estará alicerçada ao processo de construção da sociedade

brasileira, que está entrelaçada a uma série de problemas graves, que giram em torno da luta de classes, raça e gênero, configurada no racismo estrutural. Adversidades que possibilita enxergar além do que se pode ver e a necessidade do compromisso de formar cidadãos preparados, e capazes de mudar nosso Brasil.

CAPÍTULO 3 – MINHAS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

3.1 A Certeza de Chegar

Poxa, consegui! Esse momento para mim, ainda que seja o primeiro passo na formação docente com a finalização da graduação em Pedagogia. É um momento sublime, pois depois de ter passado tantas adversidades na vida e no curso, muitas vezes desacreditada até mesmo por mim, cheguei ao final, me apaixonei pela minha profissão e quero vivê-la intensamente!

Agora, sei que fui alfabetizada pela vida minha trajetória pessoal; por esses e essas autores e autoras da área da educação; pelos professores que foram solidários e mesmo por aqueles que tinham uma metodologia de ensino que eu não me adaptava devido a minha condição de vida e o tempo da disciplina; pela política educacional da Universidade Federal da Bahia em consenso com planos nacionais de educação. Todos esses aspectos contribuíram para me alfabetizar, fazendo com que eu própria pudesse chegar até aqui me educando para um futuro melhor.

A professora Magda Soares (2003) diz que “alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita, por um indivíduo ou grupo de indivíduos. A alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação.

Essa autora traz também a necessidade do alfabetizar letrando. “Que significa fazer com que o indivíduo compreenda o sentido dos códigos, signos e símbolos que formam a escrita, de uma forma que interprete sobre o que está aprendendo, tornando-se um indivíduo capaz de construir um pensamento crítico para que possa se posicionar e questionar mediante qualquer situação dentro da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, formar sujeitos que pensem sobre questões sociais torna-se de extrema necessidade em nosso mundo, esse sujeito pensante não aceitará simplesmente o que lhe é ofertado, mas questionará o porquê daquela palavra ser escrita, daquela mensagem imposta pelo poder constituído, trazendo consciência para

que possa pensar qual a necessidade de aprender a ler e escrever, o que envolve também refletir; porque está naquele espaço escolar; qual a necessidade de estar em um espaço educacional.

Com isso quero falar nesse momento que entrei no Curso de Pedagogia em 2010, pertencendo à primeira turma do turno noturno da UFBA. Foi ao longo desse tempo de formação que, na apreensão de códigos e no reconhecimento das teorias e autores, entendi a complexidade do campo de estudo e trabalho e as minhas escolhas profissionais, buscando descobrir em mim mesmo os processos dialéticos de se educar para também compreender que é possível fomentar nos demais esse processo de libertação, como diria Paulo Freire.

Assim, respeitando minha história de vida contada nesse memorial, e me juntando a tantas outras vozes, passo a ser agora mais uma docente buscando contribuir com a transformação dos cidadãos, que devem ser preparados para pensar as questões políticas (sociais, culturais, históricas e econômicas) que estão em torno da nossa vida. Estudantes capazes de perceber a importância das imposições e escolhas no que diz respeito ao desenvolvimento do país, e o impacto que as mesmas podem causar se não forem ponderadas.

Considero que pensar alfabetização do Ser no mundo é também refletir as questões históricas que norteiam nosso país, e que nos traz ao longo processo em curso que envolve as políticas de estado que estão sendo gestadas desde os anos 80, do século XX, quando o Brasil ao realizar a abertura política e a volta da democracia como regime político, que busca equidade e entre seus cidadãos, promulga a Constituição de 1988. Constituição que estabelece, após longos debates entre as diferentes classes sociais e com a anuência do governo militar, novos rumos para a população, especialmente no que tange um novo projeto para educação no território nacional.

Nesse aspecto, a Constituição de 1988, mesmo que seu texto traga claramente a importância da educação e sendo o Brasil um país de dimensão continental, há ainda graves problemas históricos (sociais, econômicos e, políticos), que estão envolvidos na constante lutas de classes, nos preconceitos e racismos cotidianos, na corrupção que interrompe a chegada de recursos às comunidades, e na descontinuidade dos programas de educação.

A partir do processo histórico de educação no Brasil, é preciso analisar o método de ensino e nos recursos didáticos utilizados pelos professores para que a criança seja alfabetizada nas series iniciais do ensino fundamental, a partir de Libâneo (2002):

Acredito que a maioria do professorado tem como principal objetivo do seu trabalho conseguir que seus alunos aprendam da melhor forma possível. Por mais limitações que uma professora possa ter (falta de tempo para preparar aulas, falta de material de consulta, insuficiente domínio da matéria e dos métodos de ensino, desânimo por causa da desvalorização profissional etc.), quando a professora entra na sua classe, ela tem consciência de sua responsabilidade em proporcionar aos alunos um bom ensino. Apesar disso, saberá ela fazer um bom ensino, de modo que os alunos aprendam melhor? (LIBÂNEO, 2002, p. 04).

É necessário pensar na formação de professores para que tenhamos uma educação integrada, pois é de suma importância que o docente seja capacitado para mediar o conteúdo necessário para promover não só a alfabetização da criança e sim a alfabetização e o letramento delas, estimulando uma aprendizagem de forma efetiva e com qualidade. Alguns professores pensam no ensino de maneira equivocada, tornando sua prática de ensino vazia, sem sentido eles pensam que ensinar é emitir um determinado conteúdo sem levar em consideração quem é aquele sujeito, de onde vem, em contexto social aquele indivíduo se encontra, não tendo o olhar sensível que é extremamente importante na prática docente.

3.2 Eu me transformando em Educadora-Pedagoga

Refletir sobre os processos que envolvem a prática pedagógica nos traz dois principais agentes: o(a) educador(a) e o (a) educando(a). Esses sujeitos com seus conhecimentos provenientes de seus respectivos aprendizados, mediados por suas respectivas culturas, sofrem também das pressões sociais, que no caso brasileiro, se acirram a partir dos problemas sociais, políticos e econômicos.

É nesse contexto que as categorias “alfabetizar”, “aprender” e “mediar o conhecimento” claramente nos chama a reflexão para discernir sobre como essas práticas pedagógicas dos professores realizadas com e junto as crianças no Ensino Fundamental I, em um bairro da cidade de Salvador, Bahia, acontecem.

Ao discutir essas categorias e a prática docente, interessa-me diferenciar as práticas do professor que, por muitas vezes, desconsidera a individualidade, a habilidade e a potencialidade do educando; o que é um equívoco, pois, como docente, é necessário mediar o conhecimento compreendendo o educando como sujeito histórico para construir junto ao (a) educando (a) a aprendizagem necessária, que são também temporais (TARDIF, 2000), lhe permitindo múltiplas possibilidades para além de compreender códigos de linguagem e apreensão da leitura e escrita de forma plena, dialogar com as faces e interfaces mundo, que se transforma e constitui novos sujeitos históricos, construindo variáveis e conhecimentos que se auto oxigena.

Os saberes profissionais também são temporais no sentido de que os primeiros anos de prática profissional são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional (TARDIF, 2000, p. 14).

Partindo dessas perspectivas, busco entender a complexidade que há no processo de alfabetizar crianças para refletir como se dá leitura dos diversos e possíveis mundos e sentidos, que tem na escrita e leitura formal base, mas que se transforma com a experiência individual e coletiva constituída de antagonismo e fluidez que mesmo sendo participes, muitas vezes, não podemos parar.

Realizar a análise desses processos que envolve esse despertar ou mecanizar o mundo das letras e sentidos propiciará elemento central para contribuir sobre como o educando é interpretado por essas práticas e pelos profissionais de educação que serão parceiros nesse trabalho, influenciando como esses educandos passam a compreender os sentidos da leitura e da escrita das letras e do mundo ao seu redor. Libâneo acrescenta:

Ao referir-me à fundamentação pedagógica da Didática e das Metodologias específicas, parto de um entendimento explícito de Pedagogia. A Pedagogia, segundo Suchodolski, investiga os fatores que concorrem para a formação do homem em seu desenvolvimento histórico para, daí, formular conhecimentos acerca dos processos de formação. A teoria pedagógica é uma reflexão para a prática educativa enquanto manifestação da prática social. Isto significa conceber a educação como fenômeno integrante do desenvolvimento social, determinada pela dinâmica das relações sociais. (LIBÂNEO, 2002, p. 20).

É importante entender como a criança compreende signos e as representações, que lhe propicia realizar as repetições e construir a aprendizagem da leitura e escrita,

mediada pelo educador, a compreensão das letras e construção das palavras e a partir disso as habilidades de ler os mundos. Libâneo nos relata:

A meu ver, a Pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. (LIBÂNEO, 2002, p. 30).

Vale salientar que a criança, desde a primeira infância, está imersa em diversos aprendizados, que se amplia ao chegar no ensino fundamental, momento que é instruída a começar a pensar os sentidos das palavras, pois o mesmo acaba de sair da educação infantil, e enfrenta uma nova realidade com a aquisição da língua oral e escrita em uma primeira versão formal.

Destaco que, muitas crianças têm dificuldades de compreender esses símbolos, de conectá-los de maneira coerente, e daí é necessário o docente pensar sua prática de forma que o mesmo tem um papel fundamental na vida dessas crianças, podendo ajudá-las a se tornarem sujeitos autônomos capazes de pensar com um olhar crítico e também se tornarem cidadãos que sabem a importância da educação para o desenvolvimento do seu país.

Ao longo da formação acadêmica pude, durante os estágios extracurriculares que fiz em escola da rede municipal, perceber os processos conflituosos da prática pedagógica e as questões que envolvem escola e Estado no que concerne às responsabilidades de fomentar leitura, escrita e interpretação dos mundos particulares e coletivos das crianças ali inseridas.

Nesse sentido, afirmo que cabe uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com o objetivo de fundamentá-lo para uma prática pedagógica, com as condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos (MUNANGA, 2005, p.22).

Pensando nessas questões almejo ser uma pedagoga que esteja envolvida nos processos de desenvolvimento cognitivo e social da criança, compreendendo a realidade socioeconômica do país e respeitando a individualidade dos sujeitos, independente do ano em que irei atuar que pode ser desde a educação infantil ao ensino fundamental 1. Continuando com Munanga (2005) ele nos adverte:

Acredito que desmontar os estereótipos possa vir a ser um dos objetivos específicos dos cursos de formação de professores, especialmente para os das séries iniciais, como uma das formas de visibilizar as diferentes práticas cotidianas, experiências e processos culturais, sem o estigma da desigualdade, colocando todos eles como parte do passado significativo, da tradição e do conhecimento universal. (MUNANGA, 2005, p. 22)

Penso aprimorar a formação docente, acredito na necessidade de desconstruir barreiras sociais, religiosas e culturais, permitindo que escola, corpo docente, educandos e comunidades construam juntas processos de empatia, compreendida em afetividades a partir de um projeto pedagógico que reconheça as diferenças, as projete como sentido do respeito necessário para que possamos construir novos conhecimentos, e a partir desses pressupostos sedimentar caminhos sólidos para cidadania plena junto as crianças, jovens e adultos negros e negras, mestiços e demais populações em nosso imenso país.

A partir dessa construção de políticas e projetos educacionais em diferentes escalas, estaremos valorizando dentro e fora de sala de aula: o ensino-aprendizagem voltados para compreensão das necessidades das memórias dos homens e mulheres que fazem parte das famílias, das sociedades locais que habitam periferias e favelas, acionando sentidos efetivos da importância da trajetória históricas desses atores sociais, independentemente de suas agremiações religiosas, opções sexuais, escolaridade, e tantas outras que geram rupturas sociais.

3.3 Eu, e o trabalho com as crianças

Cada um tem uma área que mais gosta durante o processo de formação acadêmica. Não posso deixar de registrar que agora que o curso de Pedagogia realizou, com minha permissão, respeitando e entrando em choque com minha trajetória de vida, seus objetivos de “formação”, me debruço a escolher que a educação infantil será, até o momento, minha escolha de vida dentro da área que passei a amar.

E a escolha não é à toa pela Educação Infantil, pois a experiência de ser mãe de crianças negras, o contato com meus filhos em casa descobrindo o mundo, as necessidades de repensar questões de identidade, pertencimento e autoestima, realmente

me encanta. E, as observações que hoje consigo fazer vem desse acúmulo de aprendizagens, não dadas e fáceis de compreender, mas que foram sendo acumuladas ao longo de 08 anos de formação.

A partir da atuação com a Educação Infantil em uma perspectiva freiriana seja também fora de meu lar no estágio como Agente da Educação pela Prefeitura de Salvador nos bairros da Cidade Nova e Pau Miúdo; seja na Creche Comunitária no Alto de Ondina; seja no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA mediando conteúdos sobre cultura indígena; seja participando das ações educativas com crianças e adolescentes do Grupo de Mulheres Negras do Alto das Pombas, e outras tantas experiências aqui narradas, onde encontro, troco e estabeleço relações com crianças, mães e pais negros, vivendo precariamente, em periferias invisibilizadas, em contextos desfavoráveis de futuro, considero que o início de tudo se dá com a educação infantil.

Considero que se torna necessário despertar nas crianças as percepções por meio das cores, sons, cheiros, tatos, sentimentos, fauna/flora, e ações que equilibrem o mundo, mesmo que sejam pequenos e lindos mundos daqueles que aparentemente são novos e “nada sabem”. Especialmente de crianças negras e mestiças dessas milhares de periferias em nosso país, que bombardeadas em seu emocional por padrões de vida eurocêntricos, com suas famílias pressionadas por um projeto de exclusão nacional; e mesmo sem saber, sendo levadas a contatos diários com a violência dado pelo acúmulo de capital das elites desse país, torna-se imprescindível, a meu ver, de mim juntar as tantas educadoras e educadores que repensam as realidades que envolve raça, classe e gênero, ainda em conformidade com as necessidades de crianças cegas, mudas, surdas, com diferentes problemas de cognição, aprendizagem e concentração.

Dentro dessas perspectivas, que são a própria vida na diversidade, a Educação Infantil que me proponho a realizar considera não aceitar o que está posto, mas aposta na explosão de sentidos de vida, que me permitirá conectar esses “pequenos e importantes seres” a perspectivas de esperança, solidariedade, resiliências e necessárias transformações sociais, ainda que pontuais. Mesmo que sejam transformações de Poliana, de Emília, de Narizinho, mas dentro da potencialidade da infância acredito ser possível construir horizontes mais solidários socialmente falando. É um trabalho de formiguinha, mas um trabalho necessário, que me coloco abertamente a aprender-sentindo, aprender-sendo, aprender-com.

Considero, pela trajetória de vida como mulher negra do bairro do Pero Vaz, vivendo pela força de minha mãe e minha avó, descobrindo como ser negra era um incômodo social para aqueles que nasceram no privilegio social, e agora possuindo uma formação que me faz reconhecer os “botões” certos para despertar diferentes processos de conhecer o mundo, tenho convicção que estou na profissão que me fará participar no processo de transformação de crianças negras, brancas, indígenas e mestiças em uma cidade que precisa valorizar, reconhecer e respeitar essas existências concretamente.

É dentro dessa potência que a Pedagogia me leva a querer pegar na massa, desconstruir projetos colonizantes, que sei que está dentro de mim, e que precisam ser expurgados a cada dia. É dentro dessa concretude de olhar as habilidades, competências, essência de cada uma das crianças, reconhecer os cenários que impuseram a nós, negras e negros, que acredito que estarei mais viva, realizando, ainda que seja uma ação pequena, mas que as mesmas gerarão grandes transformações junto as crianças negras e mestiças, que por meio da imaginação constroem elementos para ser felizes nos momentos intensos de vida e posteriormente quando o mundo lhe apresenta a realidade fria e descolorida das pressões sociais, devem continuar acreditando que é possível trazer da infância elementos essenciais da potência da vida para o mundo adulto.

]

Considerações finais

Este Memorial Acadêmico como gênero textual ao apresentar e refletir sobre a minha trajetória de vida, agrega subjetividades familiar, pessoal e profissional que se junta ao cotidiano do processo de formação no Curso noturno em Pedagogia.

Ao empreender a reflexão sobre minha vida, constituindo um mosaico de desafios, descobertas, encontros e desencontros pessoais, coletivos e institucionais, valido trajetórias, certezas e incertezas que encontrei pelo caminho. Sendo que algumas vezes foram difíceis de suportar, e a ajuda de familiares e professores foram essenciais para continuar acreditando em minha potencialidade.

São esse conjunto de fatores, que nesse momento constitui uma profissional pedagoga que busca e defende a práxis voltada para educação para liberdade, o respeito pela individualidade, o exercício do ouvir, a compreensão que podemos aprender-aprender, e desenvolver a consciência que há ainda muitos outros passos a serem dados para reconstruir e aperfeiçoar sempre meu caminhar.

Destaco que, a oportunidade de iniciar meus estágios a partir de atividades extracurriculares também contribuiu no contato com instituições e seus quadros profissionais, permitindo amadurecer conteúdos vistos em classe e colocado em prática nesses lugares, onde a figura da(o) Pedagoga(o) tem sua importância, mas que infelizmente não há o profissional exercendo as funções de gestão dos processos educativos.

Nesse contexto, explico que a escolha por estágios extracurriculares foi uma tática de sobrevivência, pois para dar continuidade a minha presença na universidade e conclusão de minha formação profissional foi necessário inverter ou melhor agarrar as oportunidades. Todavia, sempre compreendi que ao realizar os estágios curriculares, eles trariam outras relevantes contribuições para construir e sistematizar os processos educativos, levando em consideração as etapas de “início, meio e fim”, com as avaliações cabíveis para cada público e instituição. É dentro dessa perspectiva que acho que é

possível tecer as transformações e oxalá a liberdade de educar, o que concordo com Freire (1979), quando diz:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora das “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1979, p. 13).

Dentro desse processo ininterrupto de auto conscientizar, as trajetórias apresentadas aqui revelam que nada foi fácil na minha formação, mas também essas dificuldades contribuíram para me fortalecer em diversos níveis, descobrindo como fazer a arqueologia do conhecimento pedagógico, aprimorando as astúcias necessárias para ser estudante, mãe e trabalhadora, junção conflituosa e pessoal, que envolve boa dose de lágrimas, sorrisos e incertezas, mas que tortuosamente me faz ser hoje o que sou como profissional e pessoa.

Em minhas memórias, lembro que muitas vezes deixei meus filhos, Henrique e Maria Eduarda, em casa com meus parentes, ou quando não tinha ninguém para cuidar deles, os trazia junto para enfadonhamente assistir aulas comigo a noite. Saliento que, eles ficavam cada um sentado em uma cadeira algumas vezes, em silêncio, lanchavam e ficavam olhando para mim, outras vezes brincavam, pulavam, participavam da aulas fazendo perguntas, outros momentos se desentendiam, e também por muitas vezes estavam lá comigo por estarem doentes e foram sempre bem recebidos pelos meus colegas, que elegiam os meus filhos como mascotes das turmas. Nesses momentos, enxergava a humanidade presente naqueles colegas e professores, pois acolhiam minhas crianças, as respeitavam e deixavam elas permanecer tranquilamente naquele espaço de formação.

Eu, mulher e mãe negra, mãe-solteira como milhares de vezes ouvir, acredito que toda essa conturbada, empolgante, desafiadora trajetória no processo de formação acadêmica me permite ser mais humana para fazer com que crianças, jovens e adultos possam a partir do conhecimento que trago se educar, pois sei bem as dificuldades silenciadas, ocultas e angustiantes que alguns desses estudantes devem passar, sentados

em sala de aula, buscando esquecer os problemas externos, recebendo ordens, cumprindo tarefas e tentando a todo custo assimilar o máximo possível, para ter o mínimo de chances na vida.

Desta forma, compreendendo que esse Memorial catalisa teoria e prática vividas na pele, consegue como instrumento de análise radiografar narrativas pessoais, que envolve pessoas de carne e osso, com seus sonhos, segredos, passado e presente. Radiografia imagética e existencial que revela a sociedade concreta, com suas singularidades, virtudes e antagonismos. Algumas vezes fáceis de escrever e reler, outras tantas suscetíveis a “nós” na garganta, pois também revelam experiências cruéis e vivências desumanas. Mas o que seria de nós se não tivéssemos essas trajetórias que nos mostra que vale a pena viver, mesmo sob tantas ausências e necessidades?

Assim, com essa difícil retrospectiva que fiz com esse memorial, passo a estar mais tranquilizada, pois também coloquei para fora segredos que guardava de mim mesma, assuntos que criei várias barreiras, e que na escrita, mesmo esses assuntos me furando e muitas vezes querendo me despedaçar, também ajudou a mim depurar, expurgado tantos sofrimentos e desafios enfrentados e vencidos. Cada frase do meu passado da infância, adolescência e fase adulta como pedras no sapato, que faz doer, precisava com urgência que eu mesma sacudisse e retirasse do meu sapato, retirando esses incômodos que há muito estava dentro de mim, ação que não foi fácil realizar, pois sou um ser, como outros, de sentimentos, memórias e resiliências, que se traveste de fortaleza para sobreviver.

Logo, eu Suylan, menina que conheceu tantas formas de dificuldade, adolescente que desistiu da vida e que foi resgatada para viver novamente, compreendo que agora, como mulher negra adulta estou preparada para a partir da Pedagogia e suas muitas vertentes produzir conhecimento com o outro.

Acredito que é tempo de construir outras novas e belas trajetórias, que as marcas deixadas pelas boas e más escolhas ficam, mas me projetam para outros lugares e certamente descobertas que me trará desafios, mas o que é vida sem desafios?

Concluo dizendo, que estou bem satisfeita com minha graduação, que inesperadamente durou arrastados 09 anos. Penso em seguir carreira acadêmica, pois pretendo fazer mestrado e quem sabe um doutorado, pois acredito que é de extrema

importância que eu, como educadora, continue buscando formas de aprimorar minha formação através do conhecimento que é primordial para construção de um profissional qualificado. Entretanto, agora é continuar acreditando, e construindo junto outras formas de contribuir no despertar da vida junto aos meus futuros educandos. E ter a certeza que a vida se renova sempre. Que venham as Vidas, que juntos vamos educar.

Finalizo minhas considerações finais com uma música que me representa e me inspira a querer ser melhor sempre.

Eu sou maior do que era antes
E sou melhor do que era ontem
Eu sou filho do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem sou
As cores mudam
As mudas crescem
Quando se desnudam
Quando não se esquecem
Daquelas dores que deixamos para trás
Sem saber que aquele choro valia ouro
Estamos existindo entre mistérios e silêncios
Evoluindo a cada lua cada sol
Se era certo, ou se errei
Se sou súdito, ou se sou rei
Somente atento a voz do tempo saberei

(Composição Dani Black)

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília, DF: Unesco: BID, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam; CALAF, Priscila. **Bullying: uma das faces das violências nas escolas**. Revista Jurídica Consulex, Brasília, DF, v. 14, n. 325, p. 34-35, ago. 2010.
- ASSIS, Simone Gonçalves; SILVA, Flaviany Ribeiro da. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e157305, 2018.
- ASSUMPCÃO, Simone Lima. **O Memorial de formação no contexto do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Bahia**. In: Rede de Aprendizagens entre a Escola e a Universidade. SANTOS, José Henrique de Freitas; ASSUNPCÃO, Simone Souza de. Redes de Aprendizagens entre a Escola e a Universidade. Salvador: EDUFBA, 2019.
- BARRIOS, Andressa Farias Barrios; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. Racismo Estruturante: as vestes do tecido social brasileiro. Revista Gepesvida. Volume 4. Número 8, 2018.
- BERGER, Christian; LISBOA, Carolina. **Agresión en contextos educativos: reportes de la realidad latino-americana**. Santiago de Chile: Universitária, 2009.
- BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. São Paulo: Extraprensa, v. 11, n. 2, p. 175 – 196, jan./jun. 2018.
- BRAGA, Luzia de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero**. Contextos Clínicos, 6(1):2-14, janeiro-junho 2013.
- BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Garamond. Rio de Janeiro, 2009.
- _____.O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.
- BORGES, RODOLFO. EL PAIS. **Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre o 1% mais rico**. Dez. 2017.
- CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, Porto Alegre v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

DEBARBIEUX, Éric. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, 2001

DEBARBIEUX, Éric. **Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político.** In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 57-87.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.* Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1998.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: Morar, Cozinhar.* Vol 2. Petrópolis: Vozes, 2002

DURHAM, Eunice. *A pesquisa antropológica com populações urbanas.* IN: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica.* São Paulo, Paz e Terra, 1986, p. 17 a 37.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FREITAS, Valéria Nancy de; MENEZES, Rafael de Souza; RAHIM, Mohamad Ali Abdul (orientador); SANTOS, Monique Silva; SANTOS, Thais Silva dos; VELOSO, Nathália de Oliveira. **Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos.** Constr. psicopedag. vol.20 no.21 São Paulo 2012.

FRANÇA, Maria do S. L. M. *Didática e Docência: aprendendo a profissão.* Brasília: Líber Livro, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade.* 29^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo. Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido.* 17^a, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

_____. *Por uma Pedagogia da Pergunta.* Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Extensão ou Comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Os intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

LIBANEO, Carlos José. **Didática: Velho e Novos Temas.** 2002.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê.** São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem: componentes do ato pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2011.

LUDKE, Menga. **O Lugar do Estágio na Formação de Professores.** Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 111-133, jan./jun. 2013.

MARTINS, Maria do Carmo. **Educação em Museus: didática, currículo e mediação em contextos patrimoniais.** Campinas: Unicamp, 2018.

MENDONÇA, Heloisa. EL PAIS. **Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil.** Nov. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. **Memória e Formação de Professores.** Salvador: EdUFBA,

NETO, Samuel Pfromm. **Psicologia da Adolescência.** São Paulo: Pioneira, 1976.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Pedagogias(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Ronisson de Souza de. **Mães Solteiras e ausência Do Pai: questão histórica e novos dilemas.** Revista Elaborar, Vol. 2, Ano 3, N.1, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memorial de formação.** In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

PASSEGGI, Maria da Conceição; NACARATO, Adaír Mendes. Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras: representações sobre a matemática escolar. *Rev. educ. PUC-Camp.*, Campinas, 18(3):287-299, set./dez., 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática**. Caderno de Pesquisa. São Paulo: USP, 1995.

PRIORE, Mary Del. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

REVISTA EDUCAÇÃO. São Paulo: Segmento. Ed. 235. 2016. Acesso em 17/11/2019.

RIBEIRO, Djalma. **Feminismos Plurais: Empoderamento**. São Paulo: USP, 2019.

RODRIGUES, Micaías Andrade. **Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado**. *Revista Brasileira de Educação* v. 18 n. 55 out.-dez. 2013.

SANT'ANA, Antonio Olímpio de. **História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados**. In. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

SANTOS, José Henrique de Freitas; ASSUMPÇÃO, Simone Souza de (Orgs.) **Redes de Aprendizagens: entre a escola e a universidade**. Salvador: EDUFBA, 2019.

SEVERINO, 2007

SILVA, Ana Célia. **A Desconstrução da discriminação no Livro Didático**. In: *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. **Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura**. *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 44, e157305, 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 2003.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, no 13, 2000.

VASCONCELOS, **Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2008.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **A avaliação na escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

TERRA, Antonia. **Uma nova ótica sobre a História Indígena no Ensino de História**. Nova Escola. 2014

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.